



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA



**XVIII Encontro Nacional de
Pesquisa na Graduação em
Filosofia da USP**

2015

CADERNO DE RESUMOS

Agradecimentos

Agradecemos à Diretoria da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e ao COSEAS, que propiciaram condições materiais para a realização do evento. Agradecemos, também, aos professores e estudantes que aceitaram participar e colaborar com o evento. Não podemos deixar de mencionar o auxílio das funcionárias e dos funcionários de nosso Departamento, sem os quais o evento não poderia acontecer.

Histórico do Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia da USP

No ano de 2015, o Encontro Nacional de Pesquisa na Graduação em Filosofia da USP comemora sua 18ª edição. Nascido do Programa de Iniciação Científica do Departamento de Filosofia da USP (implantado em 1995), rapidamente tornou-se um evento nacional.

Durante todos esses anos, manteve suas principais características: organizado e dirigido por estudantes, livre de pretensões burocráticas, aberto às mais diversas perspectivas de trabalho filosófico e servindo de ponto de encontro para os representantes de uma mesma geração acadêmica. Um evento simultaneamente produtivo e agradável que reúne gente que gosta de discutir Filosofia.

Que continue sempre assim!

Comissão Organizadora

Alberto Sartorelli

Beatriz Laporta

Isadora Mendes de Paula Souza

João Lucas Pimenta Pinto

Maria Angélica Moreira

Marcelo Hotimsky

Marcus Vinícius Carvalho

Marina Diel

Matheus Costa

Paulo César Lima

Pedro Nagem de Souza

O Encontro desse ano é temático em Ética e Filosofia Política; as professoras e os professores convidados terão suas falas relacionadas ao tema e às suas trajetórias acadêmicas.

25/05 – SEGUNDA-FEIRA

10h00

Mesa 01- FILOSOFIA ANTIGA I – SALA 10

COORDENADOR: OTAVINO CANDIDO DE PAULA NETO

1. TATIANA SOUZA CORREIA (UFBA): “Ética Nicomaqueia: definição do prazer no primeiro tratado do prazer”
2. MICHELLE BELATTO (UFSC): “Os dois amores no “Fedro” de Platão”
3. PABLO SOUTO MAIOR HARDUIN (UFF): “Prazer e ontologia na República de Platão”
4. MARIANE FARIAS DE OLIVEIRA (UFRS): “Um preâmbulo à investigação do bem humano: o livro I da EthicaEudemia”
5. JAQUELINE BATISTA SOARES (USP): “A noção de justiça no livro V da Ética Nicomaqueia de Aristóteles”
6. AYLTON FERNANDO ANDRADE DE BRITO (UESC) - "Ética da virtude e formação pessoal"

14h00

Mesa 02 – FILOSOFIA ANTIGA II – SALA 10

COORDENADOR: LUIZ EDUARDO GONÇALVES OLIVEIRA FREITAS

1. FRANCISCA CLAUGEANE DA SILVA COSTA (UFF): “A mimesis e sua relação com a crítica platônica à arte”
2. ROBSON FARIA GOMES (UFPA): “A questão acerca da justeza dos nomes no ‘Crátilo’ de Platão”
3. JOSÉ FERNANDO ROSA RIBEIRO (UFSC): “O não-ser que é: o conceito de não ser no diálogo ‘Sofista’ de Platão”

4. VICTOR HUGO FONSECA DA SILVA COELHO (USP): “A herança e o parricídio: anotações sobre o Sofista de Platão”
5. JULIA MAIA PEIXOTO CAMARGO (USP): “O conhecimento de si: análise do tratado 49 de Plotino

Mesa 03 – FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO – SALA 115

COORDENADOR: THIAGO HENRIQUE BRAZ

1. PEDRO HENRIQUE CIUCCI DA SILVA (PUCSP): “Para uma ação política e teórica na abordagem da pedagogia da autonomia”
2. HERIBERTO GREGORIO DOS SANTOS (UFRB): “Filosofando com as crianças”
3. BÁRBARA CAROLINE BOAMORTE BRAZ (UFRB): “Didática nas aulas de filosofia: um convite à dança do aprendizado”

Mesa 04 – AGOSTINHO – SALA 1031

COORDENADOR: GUSTAVO B. V. DE PAIVA

1. LUCIANA VALÉRIA NOGUEIRA (USP): “O abandono da vontade: o papel da mentira na questão do mal em Agostinho de Hipona”
2. PEDRO HENRIQUE PEREIRA SILVA (UFSJ): “Amor ao próximo: compreensões arendtianas acerca da vida em sociedade no pensamento de Agostinho”
3. AUGUSTO CÉSAR COSTA (UFRN): “A concepção de morte em Agostinho”
4. DOUGLAS RESENDE DA SILVA (UFLA): “Do homem exterior ao habitar do homem interior: Agostinho e o caminho da busca de Deus”
5. DEAN FÁBIO GOMES VEIGA (PUCPR): “Política em Agostinho e Rawls: um contraponto”

15:45 – Coffe Break

16h30

Mesa 05 – ILUMINISMO E REPUBLICANISMO – SALA 10

COORDENADOR: THIAGO VARGAS ESCOBAR AZEVEDO

1. LUDOVYCO JOSÉ VIOL MORAS (UFSJ): “As conexões entre o pensamento de Hannah Arendt e Norberto Bobbio acerca da Revolução Francesa”
2. JONAS RODRIGO LIMA DE MORAES (UFAL): “Do uso das armas para a melhor forma de governo”

3. ALDIONES DE JESUS SOUZA (UFS): “Traços republicanos na filosofia política de John Locke”
4. MATHEUS ICHIMARU BEDENDO (USP): “Primórdios do republicanismo francês: a apreensão da tradição republicana na França revolucionária”

19:30 – ABERTURA – PAULO ARANTES (Auditório da Geografia)

Tema: “Política numa era de expectativas decrescentes”

26/05 – TERÇA-FEIRA

10h00

Mesa 06 – FILOSOFIA DA ARTE – SALA 104-A

COORDENADOR: PEDRO FERENADES GALÉ

1. ANTONIO MARTINS DE OLIVEIRA (UFSC): “A noção de arte na performance contemporânea”
2. MARINA FRANCONETI (USP): “Manet, Delacroix e Ingres: as nuances entre as escolas artísticas francesas na figuração feminina no século XIX”
3. ANDRÉ ALVES DE CARVALHO (USP): “A forma da reflexão no Romantismo de Jena”
4. MARINA DIEL (USP): “Considerações sobre a Doutrina das Cores de Goethe”
5. ALBERTO SARTORELLI (USP):

14:00h

Mesa 07 – DESCARTES – SALA 106-A

COORDENADOR: SACHA ZILBER KONTIC

1. KAILANI AMIM POSTILHONI FERTREIRA (UNESP): “Fundamentos e regras do método cartesiano”
2. FELINI SOUZA (UFSC): “O conceito de moral na obra 'As Paixões da Alma' de René Descartes”
3. JESSICA KELLEN RODRIGUES (UFL): ““Eu penso”: dois aspectos de uma mesma proposição”

4. BEATRIZ LAPORTA (USP) – “Comentário sobre o questionamento feito por Elizabeth a Descartes na correspondência acerca de como pode a alma mover o corpo”

Mesa 08 – NIETZSCHE – SALA 106-B

COORDENADOR: EDER CORBANEZI

1. DIEGO CARMO DE SOUSA (UESB): “Mentiras sinceras nos interessam: Nietzsche e a vontade de verdade”
2. PEDRO DURÃO DUPRAT PEREIRA (UERJ): “Nietzsche e a moral nobre dos aristocratas: uma visão genealógica para além do bem e do mal”
3. CLAUDIO BONATTI (UFES): “Nietzsche: contraposição à fragilidade da subjetividade moderna consciência como epílogo”
4. MATEUS PEREZ JORGE (USP): “Apontamentos e desdobramentos ontológicos do eterno retorno de Friedrich Nietzsche no século XXI”
5. PAULO ROBERTO LIMA DE SOUZA (UECE): “Versos da literatura no reverso da filosofia: um contraponto entre Tolstói e Nietzsche”
6. PEDRO NAGEM DE SOUZA (USP): “Nitidez e superfície: o problema da expressão em Nietzsche”
7. RODRIGO JUVENTINO BASTOS DE MORAES (USP): “O grande russo também era um niilista: Dostoiévski à luz de Nietzsche”

15:45 – Coffe Break

16h30

Mesa 09 – FENOMENOLOGIA – SALA 115

COORDENADOR: EDUARDO ORSOLINI FERNANDES

1. LEANDRO CARDOSO MARQUES DA SILVA (USP): “Crítica do jovem Sartre ao psicologismo”
2. JOÃO RENATO SILVA CAMPOMORI (UFL): “Considerações sobre a fenomenologia de MerleauPonty”
3. DANILO DA CUNHA PONTES (UFSJ): “A intersubjetividade em Edmund Husserl: objeção ao solipsismo transcendental”
4. INAUÊ TAIGUARA MONTEIRO DE ALMEIDA (USP): “A doutrina das qualidades secundárias e sua fundamentação no mundo da vida”

19h30: MINI-CURSO: ROBERTO BOLZANI (USP) – SALA 08
Tema: Relações entre ética e política em Platão e Aristóteles

27/05 – QUARTA-FEIRA

10h00

Mesa 10 – HANNAH ARENDT – SALA 106-A

COORDENADOR: ANDRÉ ASSI BARRETO

1. ISAAC JOSÉ DA SILVA (UFSJ): “A concepção de liberdade política em Hannah Arendt a partir das terminologias freedom e liberty”
2. LÚCIA HELENA DA SILVA (UFSJ): “Autoridade e legitimidade no pensamento de Hannah Arendt”
3. JÉSSICA TATIANE FELIZARDO (UFSJ): “Uma análise acerca do Hospital Colônia de Barbacena e suas relações com os campos de concentração na perspectiva arendtiana”
4. VALMIRA DE OLIVEIRA SANTOS (UFSJ): “Uma análise acerca do espaço público e privado no pensamento de Hannah Arendt”

Mesa 11 – LÓGICA E LINGUAGEM – SALA 103 (Laboratório de Informática)

COORDENADOR: DANIEL ARVAGE NAGASE

1. GUILHERME MESSIAS PEREIRA LIMA (USP): “Cálculo de sequentes para a lógica modal proposicional”
2. DOUGLAS LISBOA SANTOS DE JESUS (UFBA): “Análise retórica dos argumentos euclidianos”
3. ALAN RENÉ MACIEL ANTEZANA (UnB): “A abordagem de Frege aos indexicais: o problema da pragmática na concepção semântica de sentido (Sinn)”
4. MAICON LIAM BOMBAZARO (PUCPR): “Alfred Tarski e a concepção semântica da verdade”
5. ANA PEDROSO (Berkeley): “Duas análises da metáfora como figura de linguagem”
6. MATEUS TOLEDO (USP): “O Estatuto dos juízos valorativos na filosofia de Wittgenstein”

14h00

Mesa 12 – PSICANÁLISE E FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA – SALA 104-A

COORDENADOR: BRUNO CARVALHO

1. VICTORINE LIGUIÇANO (UFOP): “A face de Janus da metapsicologia freudiana: apontamentos sobre a relação entre mito e psicanálise”
2. JOÃO PAULO PEDROSO FERREIRA (USP): “A Terra e os devaneios da criação: estudo sobre a imaginação das rochas”
3. FELIPE FERNANDES (USP): “O que é instinto de morte? A repetição entre Deleuze e Freud
4. YASMIN DE OLIVEIRA ALVES TEIXEIRA (USP): “Um padre orgástico: a crítica de Deleuze e Guattari à noção reichiana de prazer
5. DIEMMENSON MIGUEL MARIA DOS SANTOS (UEPA): “Da injustificabilidade à recusa da angústia: o conceito de máfé”

Mesa 13 – FILOSOFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA – SALA 104 - A

COORDENADOR: MARIANA DE CAMPOS BARDELLI

1. ANA FLÁVIA SOUZA AGUIAR (UFABC): “Conceitos fundamentais de Seyla Benhabib”
2. ALAN FERREIRA DOS SANTOS (UFABC): “O potencial emancipatório do direito liberal na obra de Franz Neumann”
3. RACHEL LOUISE (USP): “Democracia deliberativa: reconstruindo o debate”
4. RAFAEL ZAMBONELLI NOGUEIRA (USP): “Consciência e mistificação: os dilemas da ação política em MerleauPonty”
5. VITOR DE LIMA (UNESP): “Avaliação da ética na primeira década do século XXI na perspectiva de Adolfo Sanchez Vazquez”

15:45 – Coffe Break

17:30h – MINI-CURSO: SCARLETT MARTON (USP) – SALA 24

Tema: Nietzsche e a crítica da democracia

19h30 – MINI-CURSO: YARA FRATESCHI (UNICAMP) – SALA 08

Tema: Participação social para radicalizar a democracia

28/05 – QUINTA FEIRA

10h00

Mesa 14: CULTURA E PODER NA CONTEMPORANEIDADE – SALA 104-A

COORDENADOR: JEFFERSON MARTINS VIEL

1. JOÃO PEDRO ANDRADE DE CAMPOS (UFSJ): “Massificação e poder em Hannah Arendt”
2. CAMILA SILVA DE PAULO (UFSJ): “O advento da alienação e a consequente massificação promovida pela cultura à luz do pensamento arendtiano”
3. TÂMMILYS RAFAELY SOARES (UFPA): “Foucault, história do poder pastoral e sua transplantação”
4. EDILENE ALVES BEZERRA (USJT): “Modos de subjetivação e de resistência como produção das artes de governar
5. PAULO SÉRGIO DE QUEIROZ (UNIFESP): “O primário no evoluído: sobre o rastro da violência na vida civilizada”
6. REBECA MÍRIAM SIQUEIRA COELHO (UFPA): “O narcisismo e barbárie na contemporaneidade”

14h00

Mesa 15 – FILOSOFIA DA CIÊNCIA E EPISTEMOLOGIA – SALA 104-A

COORDENADOR: TIAGO MATHYAS FERRADOR

1. LEO SOUZA TOLOSA (UFPA): “O conceito de espaço e tempo em Leibniz e Newton”
2. LEANDRO HOLANDA ARAÚJO (USP): “Sobre as ideias que não derivam da experiência segundo David Hume”
3. EDUARDO IZOTON BRAGA (FSBRJ): “Ceticismo e o problema do critério”
4. JULIA RODRIGUES MOLINARI (USP): “Sobre a possibilidade de conhecimento científico em Guilherme Ockham”

29/05 –SEXTA-FEIRA

10h00

Mesa 16 – FILOSOFIA POLITICA MODERNA – SALA 104-A

COORDENADOR: EUGÊNIO MATTIOLI GONÇALVES

1. LAILSON CAROBA DA SILVA DIAS (UFRN): “O pressuposto da natureza humana e a legitimidade do uso da força pelo soberano em Maquiavel e em Hobbes”
2. JULIANA DA SILVA LOPES (UFL): “O método hipotético no ‘Segundo Discurso sobre a Desigualdade’ de Rousseau”
3. EMANUEL CÍCERO CAVALCANTI VIEIRA DA SILVA (UFAL): “Opressores e oprimidos: análise da teoria dos humores de Maquiavel”
4. JULIO TOMÉ (UFSC): “Um estudo sobre o egoísmo: a perspectiva de Schopenhauer e a Legitimação do Estado Civil no Leviatã de Hobbes”
5. ERIC TADEU MIGUEL (UFSJ): “O significado da virtude e sua importância para a manutenção do poder na perspectiva maquiaveliana”

Mesa 17 – FILOSOFIA MODERNA ALEMÃ I – SALA 115

COORDENADOR: LUCAS MACHADO NASCIMENTO

1. GUILHERME DINIZ DA SILVA (FSBSP): “A dialética da consciência em Hegel”
2. SABRINA PARADIZZO SENNA (UFES): “A arte em relação à religião e a filosofia nos Cursos de Estética de Hegel”
3. LUÍS GUILHERME STENDER MACHADO (UFC): “Ludwig Feuerbach: pensamentos sobre uma filosofia do futuro”

13h00

Mesa 18 – FILOSOFIA MODERNA ALEMÃ II – SALA 104-A

COORDENADOR: PAULO PINHEIRO ROBERTO DA SILVA

1. BÁRBARA FERRARIO LULLI (UNESP): “Acerca do juízo e da beleza na ‘Crítica da Faculdade do Juízo’ de Kant”
2. JÉSSYCA BRENDA BARRADAS DE SOUZA (UFPA): “Ética: negação da vontade”
3. NILTON JOSÉ SÁVIO (UFSCAR): “Fundamentos da caracterização do Gênio em Schopenhauer”

Mesa 19 – ESCOLA DE FRANKFURT I – SALA 101

COORDENADOR: EDUARDO SOCHA

1. SIMONE BERNARDETE FERNANDES (USP): “Considerações acerca dos temas “moral” e “compaixão” no pensamento de Horkheimer, nos anos 1920 e 1930”
2. JÉSSICA DI CHIARA SALGADO (UFF): “Contra a felicidade? Ressonâncias freudianas na Dialética do Esclarecimento”
3. JÚLIA PEREIRA DA SILVA (UNESP): “O riso perverso da indústria cultural: a dominação pelo sorriso”
4. LUIZ FELIPE XAVIER GONÇALVES (UNICAP): “Uma reflexão do cinema de ficção científica à luz da noção de razão instrumental”

14:45 – Coffe Break

15h00 – ENCERRAMENTO: OLGÁRIA FÉRES MATOS – SALA 24

Tema: Memória e Esquecimento: a indiferença heróica

17h30

Mesa 20 – ESCOLA DE FRANKFURT II – SALA 103 (Laboratório de Informática)

COORDENADOR: LETÍCIA OLANO MORGANTTIS S. BOTELHO

1. PAULA CRISTINA PADILHA GONDIM (UNICAP): “A crítica de Dialética do Esclarecimento ao projeto iluminista”
2. MARCUS PAULO VIANNA TONDATO (UFMG): “Momentos de um conceito: filosofia e linguagem em Benjamin e Adorno”
3. ANA RAYOL (UFPA): “A conceituação de Habermas da relação entre modernidade e racionalidade”
4. ISABELLA OLIVEIRA HOLANDA (UnB): “As decorrências da complementariedade entre Filosofia Analítica e Hermenêutica no pensamento de Habermas”

CADERNO DE RESUMOS

Alan Ferreira dos Santos
Instituição: UFBC
Orientador: Monique Hulshof
E-mail: alanferreirasantos37@gmail.com

O potencial emancipatório do direito liberal na obra de Franz Neumann

A visão marxista predominante considera o direito um instrumento que efetiva e oculta a dominação de uma classe sobre outra. Dentro dessa perspectiva, a teoria crítica desenvolvida no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, analisa o direito sob o ponto de vista marxista, sublinhando o seu papel na reprodução da dominação de classe.

Franz Neumann (1900 – 1954), teórico do direito e ligado ao Instituto de Pesquisa Social, não concorda com essa afirmação. Para ele, o direito liberal não é apenas um instrumento para satisfazer os interesses da classe dominante. Ele afirma que o direito liberal pode deixar de ser mera ideologia de classe, ou seja, um instrumento de dominação, e constituir-se em condição necessária para a emancipação.

Para compreender a visão de Neumann, que contesta certas obras do jovem Marx e vários escritos marxistas, inclusive dos próprios colegas do Instituto de Pesquisas Sociais, pretendemos examinar em que medida ele considera que o direito liberal pode deixar de ser uma mera técnica para conquista e manutenção do poder pelas classes dominantes e apresentar um potencial emancipatório.

Alan René Maciel Antezana
Instituição: UnB
Orientador: Prof. Dr. Felipe Amaral
E-mail: alanantezana.unb@gmail.com

A abordagem de Frege aos indexicais: o problema da pragmática na concepção semântica de sentidos (Sinn)

A comunicação busca definir e explicitar a proposta de sentido (Sinn) de Gottlob Frege, dando destaque principalmente à questão da natureza da informação veiculada por frases assertivas completas. Partiremos, pois, de seu ensaio “Sobre o Sentido e a Referência” (1892) para reconstruir a argumentação que o levou a elaborar seu conceito de sentido e de pensamento (Gedanke). Em uma segunda parte do presente artigo, será explorada a abordagem de Frege aos indexicais em geral, tal como se apresenta em “O Pensamento”. Visando este ensaio, problematizaremos a abordagem de Frege aos indexicais e exporemos os motivos pelos quais a saída adotada por Frege não é viável, propondo três resoluções diferentes, tendo em vista o artigo “Frege on Demonstratives”, de John Perry.

Alberto Sartorelli
Instituição: USP
Orientador: Luiz Renato Martins
E-mail: sartorelli-alberto@hotmail.com

A figuração da Revolução: política e história em Jacques-Louis David

A apresentação visa abordar a passagem do elemento moralizador a partir do ideal antigo para uma representação ativa do presente histórico. Para tal, tomo como paradigmática a mudança de posição temporal utilizada por Jacques-Louis David para pautar o ideal republicano em algumas de suas obras. Os quadros analisados serão o *Brutus* (pintura histórica, ideal antigo), o *Jeu de Paume* (esboço de valorização do presente) e o *Marat* (o presente enquanto momento histórico importante).

Aldiones de Jesus Souza
Instituição: UFS
Orientador: Antônio Carlos dos Santos
E-mail: Aldiones.Souza@yahoo.com.br

Traços republicanos na filosofia política de John Locke

O objetivo desta comunicação é analisar os traços republicanos contidos na filosofia política de John Locke. Assim, a passagem de um estado de natureza com direitos naturais para um corpo político, a confiança do poder do povo aos magistrados, a liberdade e a tolerância religiosa, o direito de resistência, a obediência às leis e a representação parlamentar são os tijolos que solidificam tanto o republicanismo moderno quanto a filosofia política de Locke. Se para o republicanismo o sustentáculo de todo ideal republicano se encontra no princípio do bem comum, para Locke, o objetivo primordial e final de um corpo político é exatamente o mesmo, ou seja, zelar pelo bem comum dos cidadãos. Ora, se não podemos afirmar que Locke foi, de fato, um republicano podemos, ao menos, situá-lo como um dos grandes pensadores que contribuíram para a formação do que hoje denominamos ideias republicanas.

Ana Flávia Souza Aguiar
Instituição: UFABC
Orientador: Monique Hulshof
E-mail: souzaaguiar.ana@gmail.com

Conceitos fundamentais de Seyla Benhabib

Seyla Benhabib, filósofa contemporânea de origem turca, é conhecida por conciliar teoria crítica à teoria feminista. A autora trabalha o conflito do mundo contemporâneo entre globalização e multiculturalismo. A que se dá esse fenômeno? A autora estudada aborda os

desafios da relação teoria e prática nas democracias liberais em relação a existência de uma pluralidade de movimentos sociais.

Benhabib coloca em pauta fronteiras políticas e migratórias. Como fica a homogeneização que a globalização proporciona frente o respeito às diversidades culturais? Como as democracias lidam com esse acontecimento? Nesse trabalho veremos a teoria democrática de Seyla Benhabib entre outros conceitos fundamentais.

Ana Pedroso

Instituição: Berkeley

Orientador: John Searle

E-mail: pedroso.tina@gmail.com

Duas análises da metáfora como figura de linguagem

Simplisticamente, podemos dizer que a metáfora é uma figura de linguagem que “informa” algo diferente do sentido literal da frase metafórica, como por exemplo “Sam é um troglodita”. Quando esta frase é dita, normalmente subentende-se “Sam é uma pessoa sem educação”. Note que este exemplo levanta a seguinte questão – de que maneira a frase “Sam é um troglodita” é tipicamente associada com a mensagem de que “Sam é uma pessoa sem educação”? Neste trabalho, meu objetivo é discutir duas possíveis respostas para a explicação deste fenômeno. A primeira resposta é oferecida pela “teoria de similitude” e a segunda pela teoria de John Searle. A conclusão do trabalho é a seguinte: a metáfora é uma figura de linguagem que não necessariamente envolve uma comparação e este fato consegue ser capturado pela teoria de John Searle.

Ana Rayol

Instituição: UFPA

Orientador: Nelson José de Souza júnior

E-mail: hanactr@hotmail.com

A conceituação de Habermas da relação entre modernidade e racionalidade

A proposta deste trabalho será fazer uma análise da relação entre modernidade e racionalidade, assim como da importância da teoria do agir comunicativo como arcabouço para o projeto moderno Habermasiano dentro da discussão estabelecida pela teoria da modernidade. Sendo assim, será feito, neste projeto, o incurso de tentar compreender porque o projeto da modernidade ainda se faz presente em discussões filosóficas atuais, e que abandonar esse projeto implicaria em abandonar um modelo de racionalização que, mediante o entendimento mútuo, procura resgatar a liberação dos controles hipostasiados e as condições para a realização de uma sociedade emancipada.

André Alves de Carvalho
Instituição: USP
Orientador: Marco Aurelio Werle

Romance e Crítica em Schlegel e Novalis

Este trabalho tem como objetivo principal, analisar o modo pelo qual os teóricos do assim chamado “Romantismo de Jena” desenvolveram suas doutrinas acerca da literatura, principalmente da poesia e do romance, sempre levando em conta sua relação íntima com uma determinada concepção de filosofia (Sin-filosofia). O texto irá se valer principalmente dos textos de Friedrich Schlegel, bem como de Novalis, em suas caracterizações e crítica do romance de Goethe, “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”

Antonio Martins de Oliveira
Instituição: UFSC
Orientador: Celso Braidá
E-mail: tony-dartes@bol.com.br

O conflito entre representação e interpretação

O texto tenta resgatar as características da representação ,versus Interpretação na encenação como sentido da arte no teatro e na filosofia de Nietzsche. Embora alguns pensadores declarem que a representação como "drama" morreu, Essa pesquisa tenta dizer que ; ela está mais viva do que nunca, principalmente no que muitos estudiosos do teatro chamam de pós-dramático. Através de uma hermenêutica fenomenológica ,resgata se aqui o sentido da interpretação como presença em sua instauração no cotidiano ao contrario da a essência como indica Gadamer,em verdade e método. Na teatralidade restaura o reconhecimento de uma 'verdade' do real no sentido no drama como uma metáfora viva. O teatro é visto como jogo de operações de significados , onde o aparecer revela na imagem sua presentificação na ótica da fenomenologia , relacionada dialeticamente com a estrutura da encenação tal qual ele se apresenta hoje. O que se propõe especificamente, é discutir sobre o primordial dessa arte milenar que de tão inerente ao humano, esta em si, como uma colagem, que tem no espelho o reflexo de sua atuação corriqueira nos seus aspectos mais comuns. na objetividade discorre se na direção contrária de uma estética da teoria da recepção da arte, alertando principalmente aqueles que ao apreender a arte sobre os condomínios da estética tradicional, forjam o cânone, sem perceber que a arte no dizer de Hegel,"se sente forçada a se superar em si mesma, dentro de uma possível metamorfose onde, obra e o homem desaparecem para se realizarem. dentro dessa linguagem a arte é posta como um texto que, nos escrevem,e reescrevem nos na falta. Onde a interpretação, a compreensão é dada na representação que, significa o real procurado na arte como uma fusão do que falta como uma contemplação dada pelos sentidos. Quer dizer, procura se um Hamlet nos teatros que inventam, mas esse só e dado no principio de um sentido predizível, onde a linguagem falta,no correspondente a aparição . A noção de drama moderno

e drama burguês , resulta dos estudos de Peter Zsondi , H.Sarrazac,e Leehman com seu conceito de pós dramático , onde o texto deixa ao escape a originalidade da presença que ,é posta no ato de encenar, que é instaurado vivificamente entre o ator e o espectador como participação no drama e a sua expressão como obra de arte, a autenticação do outro que emerge, comporta dentro da análise fenomenológica. O objeto como transcendental aparece como imanente, como num jogo de dados, no rizoma do drama atual.O texto apoia sobre o teatro do grupo "LUME , e algumas peças dos diretores Enrique Diaz eGerald Tomas.

Augusto César Costa

Instituição: UFRN

Orientador: Sergio Eduardo Lima da Silva

E-mail: costa_rn@hotmail.com

A amizade segundo Agostinho

O presente trabalho constitui uma abordagem acerca da amizade segundo a concepção de Agostinho de Hipona, o Mestre do Ocidente, tal qual como é apresentado no livro “Confissões”. A amizade não é um sentimento humano e nobre, mas algo que expressa e une os seres humanos entre si. Apresenta ainda as várias formas de amizade e os tipos que a caracterizam, tais como são retratados pelo filósofo. São relatados os conceitos de amizade corrompida, consórcio, egoísmo, as verdadeiras amizades, bem como o uso das categorias do uso e da fruição, obtidas a partir do relato do pranto pela perda do amigo, retratada no livro IV das Confissões.

Aylton Fernando Andrade de Brito

Instituição: UESC

Orientador: Marcelo Moschetti

E-mail: fs_nandodrummer@hotmail.com

A distinção espinosana entre substância e modo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a problemática questão relacionada à distinção espinosana de substância e modo. Exposta principalmente na sua obra máxima, a *Ética*, o filósofo entende que existe no mundo apenas uma substância: Deus (sive natura) e os respectivos modos, enquanto expressões particulares da substância. Neste sentido, é levantada a questão de qual seria a distinção real entre Deus e os seres que são expressões do mesmo. Para Espinoza, Deus é o ser em que essência e existência são equivalentes (ipsum esse), pois é ser em si e por si; como também essência de todas as coisas (os modos), a substância tem que ser infinita tanto em atributos quanto em duração (eternidade), por conseguinte, não pode ser constrangido a agir, nem muito menos a existir, pois, enquanto causa imanente ao mundo, não reduz a ser uma causa particular, mas é a causa que tudo produz por estar em tudo. Em contraponto, os modos são aqueles que apesar de expressarem a natureza da substância, tem sua natureza considerada como finita (tanto

na sua existência em ato) como enquanto expressão dos atributos divinos; e são como que acidentes da substância, apesar de Espinoza negar a noção de contingência. Por consequência, a essência da substância se expressa através dos modos, mas não se reduzem a eles. Entretanto, para se entender mais claramente esta distinção, é preciso recorrer a diferença de *Natura Naturata* (condicionado) que tem ser e *Natura Naturante* (incondicionado) ou o que recebe ser. Em geral, a distinção espinosana de substância e modo pode ser considerada como uma nova luz no horizonte metafísico da modernidade, pois rompe tanto com a nomenclatura trazida tanto pela tradição aristotélico-escolástica quanto com a cartesiana.

Bárbara Caroline Boamarte Braz

Instituição: UFRB

Orientador: Gilfranco Lucena dos Santos

E-mail: barbaracbraz@gmail.com

Didática nas aulas de Filosofia: um convite à dança do aprendizado

Este trabalho pretende analisar a atividade da prática docente em Filosofia nas aulas do ensino médio e refletir sobre proposta didática mais apropriada e condizente com as questões discutidas em sala no intuito de interagir com os alunos em uma dinâmica diferenciada. Considerando as aulas de Filosofia como essenciais ao desenvolvimento do senso crítico no sujeito, vê-se também a necessidade de apoiar o conteúdo teórico e prático do professor à uma prática metodológica didática visando a inclusão dos alunos no processo de aprendizado significativo. Em última instância, iremos analisar o domínio do conteúdo filosófico do professor em contra partida com a práxis pedagógica; tendo em vista que a relação de alteridade e afetividade que geralmente se estabelece entre professor e aluno como fator essencial ao aprendizado.

Bárbara Ferrano Lulli

Instituição: UNESP

Orientador: Márcio Benchimol Barros

E-mail: ba_lulli@hotmail.com

Acerca do juízo e da beleza na Crítica da faculdade do juízo de Kant

A obra que arremata a trilogia crítica de Kant, a *Crítica da faculdade do juízo* (1790), se estabelece perante as demais, como uma síntese entre o entendimento e as causalidades naturais que permeiam o conhecimento do sujeito e suas ações. Esta espécie de síntese advém da vontade do sujeito de buscar uma objetivação da sensibilidade para que, assim, possa se afirmar à natureza, através de leis que determinam seu conhecimento. Desse modo, o juízo se estabeleceria, para Kant, como o modo de legitimar essa racionalidade em algo prático, exprimidos a partir da representação do belo. Pretendemos, portanto, analisar como se dá tal operação de caráter estético, que se estabelece a partir de

um juízo a priori, desencadeado, por sua vez, pelo prazer decorrente de uma conformidade do sujeito, denominado como juízo de gosto.

Beatriz Laporta

Instituição: USP

Orientador: Luis Oliva

E-mail: laporta.beatriz@gmail.com

Comentário sobre o questionamento feito por Elisabeth a Descartes na correspondência acerca de como pode a alma mover o corpo

A carta endereçada a Elisabeth de 21 de maio de 1643 cuida de uma das questões mais importantes dirigidas à filosofia cartesiana, a saber, *como pode a alma mover o corpo*. Nela Elisabeth encontra dificuldade em entender a união substancial, principalmente por ser leitora árdua de Descartes e tentar conceber a união após a demonstração da distinção de fato apresentada nas *Meditações*. Pretendemos, a partir disso, mostrar os passos necessários para se entender como a alma tem o poder de mover o corpo com base em diversas obras cartesianas, e concluir, por fim, que Descartes responde essa questão, mas não da forma como esperamos, pois ela contém uma impossibilidade de resposta racional.

Camila Silva de Paula

Instituição: UFSJ

Orientador: José Luíz de Oliveira

E-mail: camilasilva90@yahoo.com.br

O advento da alienação e a conseqüente massificação promovida pela cultura à luz do pensamento arendtiano

As faculdades do pensar e do julgar se encontram imbricadas por toda a obra de Hannah Arendt, mas é ao analisar o julgamento de Eichmann, que ela explanará objetivamente as implicações do pensamento reflexivo ou sua ausência. Discorrendo pormenorizadamente desde o processo de massificação do homem, até o momento da obtenção de soldados com obediência “cega e cadavérica”, a filósofa elabora conceitos e análises de suma importância. O conceito de banalidade do mal associado a incapacidade de pensar desenvolvido pela autora frente às análises de tal julgamento, irá configurar a ideia de que a faculdade do julgar se encontra diretamente ligada à faculdade do pensar. Teremos então que a massificação obtida por meio de moldes totalitários, resultou da ausência do pensamento reflexivo vinculada a grandes projetos propostos como sendo de aspecto salvífico e magistral. Tais análises arendtianas nos levam a questionar; o enquadramento do homem aos padrões midiáticos e culturais na modernidade, poderia estar conduzindo a humanidade a um tipo de massificação?

Claudio Bonatti

Instituição: UFES
Orientador: Jorge Luiz Viesenteiner
E-mail: claudio-bonatti@hotmail.com

Nietzsche: contraposição à fragilidade da subjetividade moderna- consciência como epílogo

Abordarei aqui o caráter iniciático do projeto -Nietzsche e o “Crepúsculo dos Ídolos”: subjetividade como exercício autogenealógico-, analisando a crítica que Friedrich Nietzsche (1844-1900) desenvolveu em relação à tradição filosófica em sua noção de subjetividade/consciência moderna como estrutura inicial, como fundamento metafísico, posicionando-a agora como produto tardio da corporeidade, em seu caráter epigonal. Nietzsche, diferentemente do que um olhar superficial concebe, não rejeita completamente a noção de subjetividade, mas a descarta tal como foi compreendida até então -rejeita o modo metafísico como esta foi concebida imersa nas artimanhas da linguagem, como algo primordial, como desencarnada, esquecendo-se de seu caráter de produção derradeira - enraizando-a novamente na corporeidade. Propondo por fim um novo modo de conceber a subjetividade: como exercício autogenealógico.

Danilo da Cunha Pontes
Instituição: UFSJ
Orientador: José Luiz de Oliveira
E-mail: danilo_pontox@yahoo.com.br

Edmund Husserl e a ideia de intencionalidade da consciência

A proposta desse trabalho consiste em denotar que a intencionalidade da consciência husserliana se constitui a partir da relação sujeito – objeto. Partindo disso, sabe-se que Husserl, mesmo reconhecendo o eu cartesiano como a primeira verdade apodítica, lança fora o modo como Descartes o concebeu, uma vez que a consciência é sempre de algum objeto e os objetos só têm sentido para uma consciência. A intencionalidade representa esse direcionamento que a consciência tem em relação ao objeto. Para perceber esta relação, deve-se retornar às intuições originárias, ou seja, ao modo como os fenômenos nos aparecem. Os fenômenos detêm uma multiplicidade de aspectos; no entanto, aparecem na consciência como uma unidade idêntica a si mesma, visto que a consciência tem a capacidade de ligar os aspectos ou estados vividos a outros por meio da síntese.

Dean Fábio Gomes Veiga
Instituição: PUCPR
Orientador: Leomar Antonio Montagna
E-mail: dean.veiga@pucpr.b

Política em Agostinho e Rawls : um contraponto

O presente trabalho tem como objetivo, analisar as aproximações e distanciamentos presentes no pensamento político o medieval filósofo Agostinho de Hipona e do filósofo John Rawls. Através das leituras das obras principais dos autores, acerca da política (Agostinho- A cidade de Deus) e Rawls (Ensaio Político) chegou-se ao resultado que as aproximações entre os pensamentos dos autores sobrepõe-se em relação aos distanciamentos, criando deste modo uma relação de confluência. O Estado só será justo se legisladores e súditos sejam fieis as leis estabelecidas. Por fim, Agostinho e Rawls, defendem que a política precisa ser aperfeiçoada e reinventada, uma vez que ou política se renova ou transforma-se em um grande malefício a sociedade com vícios danosos a liberdade a democracia sobretudo através da corrupção.

Diego Carmo de Souza

Instituição: UESB

Orientador: Gilson Ruy Monteiro Teixeira

E-mail: adv.diegosousa@hotmail.com

Mentiras sinceras nos interessam: Nietzsche e a vontade de verdade

Desde muito cedo a filosofia identificava discurso e realidade embasando-se apenas em seu êxito em descrever corretamente o mundo ou não. Nietzsche, debruçando-se sobre essa questão, tenta mostrar que o ser humano cria a verdade por razões de sobrevivência e conservação, desenvolvendo, assim, o que ele chama de vontade de verdade. Essa crença, ou vontade de verdade, fundamenta a ciência e significa uma necessidade de que algo seja tido como verdade. A crítica ao ideal de verdade seria, então, uma extensão da crítica aos valores morais dominantes. Segundo Roberto Machado, pode-se dizer que importância da filosofia de Nietzsche é ter compreendido que a crítica da ciência só pode ser eficazmente realizada como questionamento da vontade de verdade. Mas afinal, o que é essa vontade de verdade, como ela é construída e qual a relação entre ciência e moral desenvolvida por Nietzsche?

Diemenson Miguel Maria dos Santos

Instituição: UEPA

Orientador: Regina Carvalho Nery

E-mail: diemensonmiguel@hotmail.com

Um arremesso à existência: Desamparo e contingência

A exposição se dispõe a abordar a questão do desamparo do ser humano no pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre, e, por isso mesmo, conceber a existência como algo contingente, gratuito. O foco reside no entendimento de desamparo. Para esse filósofo, o fato de o ser humano existir, estar em um mundo, de imediato implica sua contingência. O ser do homem, este arremesso indeterminado na existência, não poderia existir, mas existe e, se assim é, tem total responsabilidade pelo que fará de sua existência;

por outros termos, é um desamparo porque não tem essência antes de existir, pois como poderia se dizer o que é o homem sem vê-lo, constatá-lo em seu próprio existir? É com esta breve abordagem que se reflete esta comunicação.

Douglas Lisboa Santos de Jesus

Instituição: UFBA

Orientador: Abel Lassalle Casanave

E-mail: douglas.lisboasj@gmail.com

Análise retórica dos argumentos euclidianos

Apresentamos nessa comunicação alguns aspectos dos argumentos euclidianos à luz da análise retórica. No plano geral da filosofia da prática matemática, essa análise aparece como uma proposta de Lassalle Casanave & Panza como forma de esclarecer certos procedimentos dentro da prática matemática euclidiana, em particular, quando associados ao Postulado 2. Por meio dela, e da distinção entre argumentos canônicos e entimemáticos, seria possível elaborar argumentos em defesa de uma concepção heterogênea de demonstração, com especial atenção à geometria euclidiana. Significa dizer que o diagrama é um elemento legítimo de justificação, ou mesmo de correção, em uma demonstração ao estilo euclidiano. No presente, perseveramos nessa linha de raciocínio, porém, buscaremos levantar algumas conjecturas acerca dessa análise ao avançarmos em outras proposições de Os Elementos de Euclides.

Douglas Resende da Silva

Instituição: UFCLA

Orientador: Luiz Marcos da Silva Filho

E-mail: dodoresende91@bol.com

O verbo gerado no silêncio da eternidade: Agostinho e a palavra criadora

Quando Agostinho fala da dimensão do princípio no livro XI das Confissões, ele fala do verbo que é gerado no silêncio da eternidade e por ele todas as coisas foram criadas. Este verbo divino que é a palavra pela qual Deus gerou todas as coisas está expresso na seguinte passagem do Gênesis que abre o livro XI: "No princípio Deus criou o céu e a terra" (Gênesis 1, 1.). No princípio Deus criou todas as coisas, isto é, tanto o tempo como o que pertence ao tempo (temporalidade). Nosso objetivo é tentar caracterizar esse instante originário, o ser do princípio, o qual Agostinho identifica com o verbo divino.

Edilene Alves Bezerra

Instituição: USJT

Orientador: Silvio Moreira Barbosa

E-mail: edilene_ab@yahoo.com.br

Modos de subjetivação e de resistência como produção das artes de governar

A presente pesquisa procura investigar, em linhas gerais, uma das possíveis relações entre os conceitos de artes de governar, os modos de subjetivação e de resistência, desenvolvidos por Michel Foucault nos cursos Em defesa da sociedade, Segurança, território e população e Nascimento da biopolítica, a fim de iniciar uma sistematização das resistências possíveis em uma determinada arte de governar a partir de seu modo de subjetivação correspondente. O modo como o entrelaçamento destes conceitos assinalam rupturas e prolongamentos no processo histórico pretende oferecer uma contribuição aos temas de continuidade e descontinuidade conforme considerados por Foucault.

Eduardo Izoton Braga

Instituição: FSBRJ

Orientador: André Campos da Roch

E-mail: edu_izoton@hotmail.com

Ceticismo e o problema do critério

A Pirro de Élis atribui-se um contundente argumento em prol do ceticismo global: o argumento do critério. Segundo o qual as discordâncias quanto ao critério de verdade, que difere nas escolas filosóficas, servem como evidência de que a verdade é impossível de se conhecer. Apresentamos uma das objeções ao problema do critério, a formulada por Roderick Chisholm. Nossa hipótese é a de que sua solução ainda é relevante, pois oferece uma boa razão para afirmarmos que não há necessidade de saber que sabemos. A metodologia consistiu em analisar o argumento central de Chisholm e as objeções que lhe são feitas (e.g. Landesman, Williams).

Emanuel Cícero Cavalcanti Vieira da Silva

Instituição: UFAL

Orientador: Flávia Roberta Benevenuto de Souza

E-mail: emanuelcanti@gmail.com

Opressores e oprimidos: análise da teoria dos humores de Maquiavel

O artigo tem como objetivo investigar a relação entre grandes e povo, os conflitos que emergem do antagonismo dos desejos (oprimir e não ser oprimido), qual papel é atribuído a esse conflito, sua natureza e seus efeitos. Trata-se, especificamente, de uma reflexão sobre o pensamento político de Maquiavel, que parte da divisão social expressa nos tumultos, buscando compreender qual o papel do povo na vida política e como deve ser sua atuação nesse cenário. Para isso, também será abordada a hipótese do desejo do povo como não necessariamente negativo. Desse modo, buscamos discutir, a partir da análise de algumas passagens da obra de Maquiavel (O Príncipe, Discorsi e História de Florença), quais devem ser as atribuições do povo, seu lugar na cena política e seu papel como agente ativo do exercício político.

Eric Tadeu Miguel
Instituição: UFSJ
Orientador: José Lúiz de Oliveira
E-mail: arcanjosmith@hotmail.com

O Significado da Virtude e sua importância para a manutenção do Poder na perspectiva maquiaveliana

Este trabalho tem como objetivo explicitar o significado da virtude e sua importância segundo os apontamentos feitos por Nicolau Maquiavel, na sua obra “O Príncipe”. A virtude seria todas as qualidades que fazem do homem tudo aquilo que ele é, ou seja, sua essência. Nesse sentido, a virtude é compreendida como elemento importante para a manutenção do príncipe no poder; mas para que isso ocorra, é necessário um retorno ao passado, e dessa forma, verificar o que os grandes líderes fizeram e imitar seus exemplos. Assim, demonstraremos que a estratégia utilizada por Maquiavel estaria na apreensão da virtude de homens que se destacaram como líderes e, portanto, aplicá-las em seu principado para que conseqüentemente, o soberano mantenha-se no poder.

Felini Souza
Instituição: UFSC
Orientador: Maria de Lourdes Borges
E-mail: felini_92@hotmail.com

The Wall e uma reflexão a cerca do mecanismo escolar

Falar dos problemas da educação parece que já virou clichê. Se fala sobre isso a muitos anos, que dirá séculos contando com a ideia de “Ensino Enciclopédico” de Nietzsche. Utilizando o filme “The Wall” e contextualizando com os conceitos de Paulo Freire a respeito do ensino e aprendizagem conseguimos ter uma visão de que a educação é tida como um fim comum a todos os alunos, que na atualidade podemos designar ao vestibular. Tendo como um fim um teste a necessidade que a escola vê é apenas da memorização para responder as questões. É possível através dessa ideia fazer uma comparação com cenas do filme “The Wall” e observar que apesar de ser debatido por muito tempo, o assunto educação é extremamente presente no nosso dia-a-dia. Uma reflexão em torno dessa sistemática da escola e da educação deve ser feita por aqueles que compõe a escola, ou seja, todos.

Felipe Fernandes
Instituição: USP
Orientador: Vladimir Safatle
E-mail: felipefernandesfc@gmail.com

O que é instinto de morte? A repetição entre Deleuze e Freud

No interior do diálogo de Deleuze com a psicanálise, a teoria dos instintos – em especial o instinto de morte – ocupa um lugar privilegiado, sendo o ponto de maior interesse do filósofo na psicanálise. Encontramos suas leituras da teoria nas obras Apresentação de Sacher-Masoch, Diferença e repetição, O anti-Édipo e até mesmo em Lógica do Sentido. Trata-se de um interesse particular na obra Além do princípio do prazer, de Freud, e na ideia da repetição enquanto princípio anterior ao princípio de prazer. Serão apresentadas as considerações mais importantes acerca da relevância da leitura de Deleuze desse conceito freudiano, em especial na relação que ele assume perante o período de produção em parceria com Guattari, quando ocorre a cisão com a psicanálise.

Francisca Claugeane da Silva Costa

Instituição: UFF

Orientador: Fernando Décio Porto Muniz

E-mail: Francisca Claugeane da Silva Costa

A mimesis e sua relação com a crítica platônica à arte

A crítica platônica à poesia dos livros II e III da República até a dramática expulsão dos poetas no livro X oferece a oportunidade para a compreensão da natureza, os limites e a especificidade da produção mimética em Platão. Já no Sofista, a questão da produção do discurso falso, a fabricação de aparências da realidade, surge inseparável de uma ontologia da mimesis. Nos dois diálogos, portanto, a imagem desempenha um papel fundamental na argumentação principal. A presente comunicação busca relacionar essas duas concepções de imagem com o objetivo de lançar luz sobre a crítica platônica à poesia (e a arte em geral) da República.

Guilherme Diniz da Silva

Instituição: FSBSP

Orientador: Franklin Leopoldo e Silva

E-mail: g.diniz.op@gmail.com

A dialética da consciência em Hegel

O primeiro movimento dialético da Fenomenologia do Espírito refere-se à Consciência (Bewusstsein): relação cognitiva entre Eu e Objeto. A sua forma mais elementar se encontra no visar do isto, ou seja, na certeza sensível (sinnliche Gewissheit) ou intuição do ser do objeto no tempo e no espaço. Contudo, ao enunciar o ser do objeto visado, percebe-se que a compreensão de sua essência não se dá de modo imediato. O verdadeiro do objeto sensível está no Universal da linguagem. Também o sujeito do conhecimento, ao conceber todo objeto como um ser para-mim, é Universal. Ambos, eu e objeto, são um “Simples que é por meio da negação”, um Universal. E somente o indicar é capaz de engendrar a experiência do sensível, não mais como imediato, mas como negação. O puro visado não poderia ser outra coisa senão o não-verdadeiro ou o indizível (álogon).

Guilherme Messias Pereira Lima
Instituição: USP
Orientador: Rodrigo Bacellar
E-mail: guilherme.messias.lima@usp.br

Cálculo de sequentes para a lógica modal proposicional

Sistemas de dedução são poderosas ferramentas para se determinar teoremas de uma linguagem lógica. Quando tais sistemas são completos e corretos, podemos determinar, analiticamente, as fórmulas válidas da referida linguagem, ou seja, as fórmulas que independentemente das valorações e do domínio da linguagem, são verdadeiras. Neste artigo analisaremos algumas características que um cálculo de sequentes, um tipo de sistema de dedução, deve satisfazer para ser considerado um eficiente método de prova. Por tal critério, estudaremos as características de seis cálculos de sequentes de Gentzen desenvolvidos para a lógica modal proposicional.

Heriberto Gregorio dos Santos
Instituição: UFRB
Orientador: Kleison de Assis
E-mail: gregoriovip@yahoo.com.br

Filosofando com as crianças

O presente trabalho relata uma experiência com crianças e adolescente do Grupo Cultural Samba Mirim da cidade de Saubara/BA. A cidade de Saubara, fica localizada na região do Recôncavo, há 100 km da capital Salvador, esta cidade é um dos celeiros culturais do estado baiano. É público e notório que as crianças e adolescente até o nono ano do ensino fundamental não tem no currículo escolar a disciplina Filosofia, ao menos na nossa cidade, sendo assim, este trabalho possibilitou aos mesmo, um encontro com a filosofia, visto que estes só terão esta disciplina no ensino médio. A priori, trabalhamos o que seria a filosofia, logo em seguida foi-se trabalhado temas que as crianças estariam envolvidos diretamente: política, estética, artes música etc. O Mito da Caverna de Platão foi o ponto chave para o trabalho ser realizado com muito sucesso. Por fim este trabalho serviu como referência para a Secretaria Municipal de Educação, pensar em incluir a disciplina filosofia nas series do ensino fundamental.

Inauê Taiguara Monteiro de Almeida
Instituição: USP
Orientador: Marcus Sacrini
E-mail: inaue.taiguara@gmail.com

A clarificação husserliana da matematização galilaica da natureza

Edmund Husserl identifica na instituição das ciências exatas da natureza (séc. XVII) um ponto de virada na história da humanidade europeia, o qual deve ser investigado se quisermos compreender "a origem do contraste moderno entre o objetivismo fisicalista e o subjetivismo transcendental", título da segunda parte do livro *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*.

Irei apresentar a clarificação husserliana sobre a matematização da natureza proposta por Galileu. Esta investigação, de caráter histórico-filosófico, pretende revelar os horizontes de sentido que estavam abertos no momento em que a hipótese do ser matemático da natureza tornou-se óbvia e o método científico-natural tornou-se, ingenuamente, o modelo mesmo da cientificidade, sendo aplicado sem maiores preocupações a todos os domínios do conhecimento.

Isaac José da Silva

Instituição: UFSJ

Orientador: José Luiz de Oliveira

E-mail: isaacrs7@hotmail.com

As Análises Arendtiana Acerca do Sentido da Política na Modernidade

O trabalho em questão procura analisar o sentido da política no mundo contemporâneo por uma perspectiva de Hannah Arendt. A autora evidencia em sua obra, *O Sentido da Política*, que a liberdade é a razão de ser da política. Por esse viés, analisaremos o fenômeno da liberdade no âmbito da política. Na concepção arendtiana, a liberdade perpassa a política por meio da ação e do discurso no interior de espaços públicos; no entanto, Hannah Arendt explicita em seus escritos, acerca da política contemporânea, que no decorrer da história a liberdade deslocou-se do campo da política para a esfera do pensamento. Nessa nova conjectura política procuraremos elucidar as questões que norteiam o papel exercido pela liberdade na política hodierna. Contudo, fica evidente que a felicidade, e não mais a liberdade, passa a ser o fundamento e o artifício teórico da política moderna.

Isabella Oliveira Holanda

Instituição: UnB

Orientador: Erick Calheiros de Lima

E-mail: isabella.holanda93@gmail.com

As decorrências da complementariedade entre Filosofia Analítica e Hermenêutica
no pensamento de Habermas

Esta comunicação visa mostrar, a tese da complementariedade entre Hermenêutica e Filosofia Analítica na tese habermasiana acerca da linguagem, dentro da sua obra *Verdade e Justificação*. Os grandes expoentes utilizados como referência à Habermas são Wittgenstein e Frege, ambos representam a Filosofia Analítica da linguagem, enquanto Gadamer, a Hermenêutica. Habermas retira da filosofia analítica a objetividade necessária a

uma teoria de validade objetiva, com o acréscimo da função comunicativa da linguagem de cunho hermenêutico, tese na qual a compreensão do mundo estabelece critérios de avaliação enunciativa, esse mundo descrito pela hermenêutica é a própria linguagem. O objetivo primordial de Habermas é o de conservar a função abertura de mundo, proveniente da hermenêutica, articulando-a com uma teoria da verificabilidade objetiva.

Jaqueline Batista Soares

Instituição: USP

Orientador: Marco Antonio de Avila Zingano

E-mail: jaqueline.soares@usp.br

A noção de justiça no livro V da *Ética Nicomaqueia* de Aristóteles

O problema central que se pretende abordar é de que forma a justiça enquanto igualdade pode ser mais reparadora ou compensadora do que uma simples retaliação ou revide.

A introdução de elementos abstratos, como a distribuição e a restituição na teoria de Aristóteles, tem como finalidade distanciar a noção do justo pela igualdade da noção do justo pelo revide. “A reciprocidade, entretanto, não é coincidente com a justiça distributiva, nem com a justiça corretiva, ainda que as pessoas queiram identifica-la com esta ultima quando citam a regra de Rodamando, ou seja: Sofresse um homem o que fez, a reta justiça seria feita.”

Para compreensão do quadro geral da moral aristotélica onde a justiça está inserida, se faz necessária à compreensão de outras noções fundamentais como a doutrina do justo meio e a noção de equidade, bem como da relação da justiça com a pólis e o bem viver.

Jéssica Di Chiara Salgado

Instituição: UFF

Orientador: Pedro Sussekind

E-mail: jessica.dichiara@gmail.com

Contra a felicidade? Ressonâncias freudianas na Dialética do Esclarecimento

Se o projeto do Esclarecimento [ou da civilização] era livrar o homem do medo ao investi-lo na posição de senhor de seu próprio destino visando à felicidade da humanidade pela sua emancipação das forças míticas da natureza, por que motivos esse projeto acabou por se reverter numa grandiosa infelicidade presente sob a forma do mundo administrado, exemplificado na inversão dessa dominação da natureza em dominação do homem sobre o próprio homem? Para trabalhar este tema, partiremos das reflexões contidas no capítulo de abertura do livro *Dialética do Esclarecimento* de Theodor Adorno & Max Horkheimer. Segundo esses autores, a civilização nasceria a partir dos alicerces de uma dominação do homem sobre a natureza para a autopreservação da espécie pelo uso da razão. Leremos essa chave de interpretação à luz das investigações de Sigmund Freud em *O mal-estar na civilização*, entendendo a partir de Sergio Paulo Rouanet que o freudismo, para a teoria

crítica, não é uma influência, mas sim uma interioridade constitutiva. Abordaremos as principais teses do texto de Adorno & Horkheimer sobre o entrelaçamento entre mito e racionalidade a partir das noções de dominação da natureza, civilização, racionalidade e felicidade, presentes também no texto de Freud.

Jessica Kellen Rodrigues

Instituição: UFL

Orientador: João Geraldo Martins da Cunha

E-mail: jessicakkr@hotmail.com

“Eu penso”: Dois aspectos de uma mesma proposição.

A instauração da subjetividade através da proposição “eu penso” é tema de constantes debates desde sua primeira formulação e, por vezes, foi reinterpretada. O interesse frequente pela subjetividade traz como resultado, porém, usos da proposição “eu penso” de forma distinta daquele usado por Descartes. Um exemplo desse deslocamento de sentido foi o proposto por Kant na Crítica da razão pura, onde ele sustenta que “o eu penso deve poder acompanhar todas as minhas representações”. No entanto, nas Meditações, Descartes afirma: “Eu sou, eu existo: isto é certo, mas por quanto tempo? Durante todo o tempo em que eu penso”. Dadas essas formulações básicas do “eu penso”, esse trabalho tentará apresentar algumas notas, a título de ensaio, sobre elas. Para tanto, pretende-se contrastar a formulação kantiana do parágrafo 16 da dedução transcendental da CRP e a cartesiana, presente na 2ª meditação.

Jéssica Tatiane Felizardo

Instituição: FSJ

Orientador: Agostinha Meirelles

E-mail: jessyca_brenda21@hotmail.com

Ética: negação da vontade

Pretendemos mostrar que a ética não é possível de se realizar no mundo, pois segundo a visão de Shopenhauer, ela é fundada no princípio do egoísmo, este por sua vez prioriza o princípio de individuação, o Homem buscará a satisfação de sua Vontade individual não se importando a Vontade dos outros. Shopenhauer não pretende estabelecer um modelo de como o Homem deve viver, ele apenas deseja analisar esse modelo, ao fazer isso, ele chega a conclusão de que não é possível viver de acordo com as regras impostas pela ética, logo o mundo não é ético

Jéssyca Brenda Banadas de Souza

Instituição: UFPA

Orientador:

E-mail:

João Paulo Pedroso
Instituição: USP
Orientador: Maurício de Carvalho Ramos
E-mail: joao.pedroso.ferreira@usp.br

A Terra e os devaneios da criação: estudo sobre a imaginação das rochas

Nossa proposta geral é buscar uma forma de pensar a Terra que envolva tanto as ciências da terra quanto a literatura. Mais precisamente, o objetivo aqui será uma aproximação entre o horror cósmico de H. P. Lovecraft em *Nas montanhas da loucura*, e as geociências, tendo como ponto de ligação a filosofia de Gaston Bachelard em sua obra *A Terra e os devaneios da vontade*. Bachelard compreende as imagens como sublimações dos arquétipos do inconsciente, criadoras de valores que conduzem a vida psíquica normal. No caso da Terra, ele propõe a ideia de uma imaginação fundamentalmente criadora, diferenciando-a daquela que é somente reprodutora. A partir daí, tentaremos compreender de que maneira a imaginação pode conduzir nossa compreensão da Terra, mas sem abstrair, no entanto, das geociências. Faremos isso por meio da análise de imagens literárias extraídas da citada novela de Lovecraft.

João Renato Silva Campamari
Instituição: UFL
Orientador: Luiz Roberto Takayama
E-mail: jcampomori@yahoo.com.br

Considerações sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty

O final do século XIX e o início do XX são marcados pelo debate sobre o fundamento da filosofia e das chamadas ciências humanas. Husserl tenta ao mesmo tempo tanto estabelecer o fundamento da filosofia, levando a cabo seu intento de ter nesta uma ciência rigorosa, como o fundamento das ciências, determinando qual a área de investigação de cada campo do saber como seu grau de abrangência. Pretendemos, a partir de uma análise da obra de Merleau-Ponty, “*Ciências do Homem e fenomenologia*”, entender como este se apropria da resposta husserliana e qual a novidade que ele tenta extrair desta resposta, tomando assim a fenomenologia de Husserl não só como uma análise de essências, mas repondo essas essências na existência.

Jonas Rodrigo Lima de Moraes
Instituição: UFAL
Orientador: Flávia Roberta Benevenuto de Souza
E-mail: jonasrodrigolima@gmail.com

Do uso das armas para a melhor forma de governo

Durante a pesquisa sobre qual a melhor forma de governo para Benjamim Constant, encontramos alguns conceitos e temas que merecem ser abordados como prioritários para alcançar tal desiderato. O fim do processo revolucionário, a liberdade política, a liberdade individual, a liberdade de imprensa, o comércio e a questão das armas são alguns exemplos. Nesse trabalho focamos sobre a questão das armas como fator de manutenção da ordem interna, de garantia da paz interna perante a intimidação de demonstração de poder contra os Estados vizinhos e qual o papel das armas para os modernos. Segundo Benjamim Constant a sociedade moderna “é suficientemente esclarecida para não querer fazer a guerra” (CONSTANT, 1985). Partindo desse princípio indagamos qual seria a necessidade da sociedade possuir armas suficientes para intimidar tanto os seus Estados vizinhos, quanto todos os seus cidadãos. Indagamos também como Constant, após alguns anos de evolução de pensamento, pôde ver nas armas um fator primordial para a melhor forma de governo. Procuramos entender na teoria política de Constant como as armas e seu uso na guerra, que era visto como algo dos povos antigos transforma-se em uma base para a manutenção e garantia de duração para a melhor forma de governo. Ao investigar a questão das armas e seus usos não perdemos de vista que Constant foi um político defensor das liberdades em especial da liberdade do indivíduo. Essa defesa da liberdade individual parece comprometida quando Constant coloca na base de uma sociedade estável e pacífica a forma repressora das armas.

José Fernando Rosa Ribeiro

Instituição: UFSC

Orientador: Nazareno Eduardo de Almeida

E-mail: ribeiro.jose@grad.ufsc.br

O ser que é não sendo: o conceito de não-ser no diálogo Sofista de Platão

Pretendemos aqui compreender como e por qual razão a teoria dos gêneros supremos dá origem ao conceito platônico de não-ser no diálogo Sofista. Definir o sofista filosoficamente para captar a pura essência de sua arte é o mote do diálogo. Uma definição filosófica precisa do sofista passa pela resolução da impossibilidade de conciliação entre o sofista, que deve ser, e a necessária falsidade da sofística. Essa impossibilidade é, na leitura platônica, efeito das teorias ontológicas anteriores. No entanto, o fato de o sofista enunciar esses discursos que são estranhos à verdade não é uma impossibilidade, como será demonstrado a partir da exposição dos gêneros supremos: ser, mesmo, outro, movimento e repouso. Observamos, portanto o não-ser resulta como sendo outro que o ser e não o seu contrário.

José Pedro Andrade de Campos

Instituição: UFSJ

Orientador: José Luiz de Oliveira

E-mail: jp.andrade.campos@gmail.com

Massificação e Poder em Hannah Arendt

Este trabalho trata da concepção arendtiana acerca dos conceitos de Massa e Poder. Para realização de tal intento, iremos nos orientar, principalmente, pelas obras *Origens do Totalitarismo* e *Sobre a Violência*. Após a revisão bibliográfica, propomos algumas relações entre os conceitos citados.

Julia Maia Peixoto Camargo

Instituição: USP

Orientador: Moacyr Novaes

E-mail: juliamaiapc@gmail.com

O conhecimento de si: análise do tratado 49 de Plotino

A exposição terá por tarefa analisar o tratado 49 de Plotino (quadragésimo nono tratado na ordem cronológica estabelecida por Porfírio). Neste tratado, Plotino discorre sobre um assunto que tem sido discutido em vários de seus escritos, a saber, os três princípios da realidade: a alma, o intelecto e o Uno. Pretendemos expor como estes três princípios de realidade se relacionam para tentar responder a questão: "podemos atribuir à faculdade racional da alma, pelo facto desta provir do intelecto, um conhecimento de si, ou deveríamos reservar esta forma de conhecimento de si somente ao intelecto, reduzindo à faculdade racional da alma ao seu carácter discursivo?"

Julia Rodrigues Molinari

Instituição: USP

Orientador: José Carlos Estêvão

E-mail: juliamolinari@hotmail.com

Sobre a possibilidade do conhecimento científico em Guilherme de Ockham

Diante da posição ockhamiana acerca da Querela dos Universais, a saber, de que os universais são apenas conceitos na mente e não subsistem fora dela como nenhum tipo de realidade, é preciso conceber uma nova forma de ciência, diferente da que vinha sendo defendida até então. Se os conteúdos mentais que compõem as proposições científicas possuem uma correspondência indireta com as coisas – pois são signos, isto é, *significam* as coisas – podemos nos perguntar o que garante que a ciência ainda assim possa sustentar um conhecimento que possua um valor de verdade por *correspondência*. Para isso, Ockham precisa mostrar como é possível que os termos mentais que compõem proposições científicas possam *supor* por realidades, a fim de evitar consequências céticas acerca do conhecimento produzido pela ciência.

Julio Tomé
Instituição: UFSC
Orientador: Delamar José Volpato Dutra
E-mail: juliohc7@hotmail.com

Um estudo sobre o egoísmo: a perspectiva de Schopenhauer e a Legitimação do Estado Civil no Leviatã de Hobbes

O objetivo desse trabalho é apresentar o conceito de Egoísmo schopenhaueriano elaborado na obra “O mundo como Vontade e como Representação”, ligando-o à defesa da necessidade da instituição de um Estado Civil como é realizado por Hobbes no Leviatã, de onde se parte do pressuposto que egoísmo seria o ponto de partida das ações dos indivíduos (Vontade egoísta), o que em um Estado de Natureza, sem um poder comum a todos, levaria os homens a uma situação de “guerra de todos contra todos”, por isso a necessidade da instituição do Estado Civil. Por meio dos conceitos expostos por Schopenhauer e Hobbes em suas obras, será feita uma análise de até que ponto se pode levar essa afirmação como verdadeira, assim como ligar os pontos em comum das duas teorias acerca das ações morais dos homens, sem deixar de lado as diferenças conceituais e práticas das teorias hobbesiana e schopenhaueriana.

Juliana da Silva Lopes
Instituição: UFL
Orientador: Emanuele Tredanaro
E-mail: juliananepre@hotmail.com

O método hipotético no segundo Discurso sobre a desigualdade de Rousseau

No início do segundo Discurso, Rousseau nos apresenta seu método de investigação através do qual ele pretende remontar à essência do homem. Rousseau define seu método nos termos de um método hipotético, afastado de histórias e fatos testemunhados. É notável que, sem oferecermos a devida atenção ao método empregado, não se torna possível a compreensão do intuito de fundo de seu segundo Discurso, pois, segundo o autor, é necessário que seja realizada, antes de tudo, uma análise capaz de reconstruir o caráter originário do homem, para, a partir daí, julgarmos os fatos (políticos) que se sucederam. Podemos, então, nos questionar: como é possível validar esse método utilizado pelo filósofo, sem imaginarmos que o que ele retrata não é senão uma mera história fantasiosa, já este método parecendo se basear apenas em conjecturas e não em fatos concretos? Este será o núcleo de nossa discussão.

Kailani Amim Pastilhoni Fertreiro
Instituição: UNESP
Orientador: Kleber Cecon
E-mail: kai_ferreira@yahoo.com

Fundamentos e regras do método cartesiano

No presente trabalho, os fundamentos epistemológicos do método cartesiano serão apresentados, com base, sobretudo, nas anotações deste autor no "Discurso do Método" e nas "Regras para a Direção do Espírito". Para isso, o trabalho se divide em três partes, quais tratarei sobre: (i) Intuição e dedução em Descartes, (ii) a mathesis universalis e, por fim, (iii) as regras que estruturam seu método. Após isso, a conclusão seguirá a aplicabilidade qual o autor pretende delegar ao seu método.

Lailson Coroba da Silva Dias

Instituição: UFRN

Orientador: Antonio Basilio Novaes Thomaz de Menezes

E-mail: lailsoncaroba1@hotmail.com

O PRESSUSPOSTO DA NATUREZA HUMANA E A LEGITIMIDADE DO USO DA FORÇA PELO SOBERANO EM MAQUIAVEL E EM HOBBS

Na idade moderna, no contexto do Renascimento, teremos que a fundamentação dos Estados, bem como a consequência inerente do uso da força por parte destes, encontrar-se-á na figura humana, somado a isso, temos ainda que os teóricos políticos do período moderno se basearão na natureza humana para fortalecer ainda mais a instituição estatal e/ou a figura de um soberano como símbolos necessários para a ordem e para o progresso econômico e social.

Consoante com esse contexto, o presente trabalho tem por finalidade expor de que maneira o uso da força, ora exercido por um soberano (Estado Civil), ora, exercido por um indivíduo de características singulares (O príncipe) encontra pressupostos na natureza humana. Nesse sentido, há de se esclarecer como a natureza humana legitima o uso da força.

Leandro Cardoso Marques da Silva

Instituição: USP

Orientador: Marcus Sacrini Ayres Ferraz

E-mail: leandro.cardoso.silva@usp.br

Intencionalidade e recusa do solipsismo na fenomenologia de Sartre

Nos seus estudos sobre fenomenologia, Sartre conclui que o campo transcendental da consciência é impessoal e insubstancial. Consequentemente, o Ego é definido como o objeto transcendente da consciência, apreendido e constituído, por esta mesma consciência, como um ser do mundo que participa de todas as suas vicissitudes. A partir disto, pretendemos analisar como estas conclusões teóricas implicam em certas consequências éticas. Pois uma vez que o Ego não é mais o centro da vida subjetiva, será no campo das vivências transcendentais que aquilo que se chama de "Mim" retira todo o seu conteúdo, o que significa que o Ego é ontologicamente comprometido com o mundo. Portanto, tendo

como base o conceito de intencionalidade, pretendemos mostrar como a fenomenologia de Sartre retira o indivíduo de uma postura solipsista e o reconduz para dentro do mundo, numa postura engajada.

Leandro Holanda Araújo

Instituição: USP

Orientador: Ada Beatriz Gallicchio Kroef

E-mail: leandroholanda@hotmail.com.br

A influência da crença sobre o conhecimento humano segundo David Hume O grande russo também era um niilista: Dostoiévski à luz de Nietzsche

Segundo David Hume, todos os raciocínios podem ser divididos em duas espécies: os demonstrativos e os morais (ou prováveis). Sobre estes se desenvolve todo o conhecimento humano. Porém, o filósofo nos alerta que, no que tange as questões de fato, o conhecimento não é categórico. As questões de fato estão no âmbito dos raciocínios morais. E sobre estes é que se desenvolvem as nossas verdades fundamentadas a partir da experiência. O que Hume nos mostra, todavia, é que tais verdades são absolutamente contestáveis. Para ele, o que temos como verdade fundada a partir da experiência não passa de algo denominado crença (belief). Com base em sua obra Investigações Acerca do Entendimento Humano será possível mostrar o que é a crença, qual o seu papel para o conhecimento humano e as complicações que tal afirmação trás para as verdades científicas, alicerçadas, acima de tudo, sobre dados empíricos.

Leo Souza Tolosa

Instituição: UFPA

Orientador: Agostinho de Freitas Meirelles

E-mail: leo.souza.95@hotmail.com

O Conceito De Espaço e Tempo em Leibniz e Newton

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma breve análise do conceito de espaço e tempo abordados na perspectiva moderna de Newton e Leibniz a partir de trechos dos Princípios Matemáticos de Filosofia Natural (1687), e da Mônadologia (1714) desses autores respectivamente. Partindo disso também me proponho a apresentar alguns pontos das correspondências trocadas entre Leibniz e Clarke, onde o embate das ideias de Newton, aqui apresentadas por um discípulo seu, e de Leibniz acaba por esclarecer alguns pontos do pensamento metafísico de ambos e conseqüentemente a forma como estes lidam com a questão do espaço e do tempo.

Luciana Valéria Nogueira

Instituição: USP

Orientador: Lorenzo Mammì

E-mail: luavnogueira@gmail.com

O abandono da vontade: o papel da mentira na questão do mal em Agostinho de Hipona

Este trabalho propõe uma discussão acerca do papel da mentira na consecução da vontade má em relação à questão do mal em Agostinho.

Para Agostinho, o desejo é da ordem do amor, ligando-se a um movimento de retorno do homem com vistas à felicidade. É, pois, a vontade que o guia. E ela é um bem. Então, por que falha e escolhe o mal?

O mal é uma vontade que se abandona, aquela que se deixou cair do Criador para as criaturas. Abandono este dado pela natureza mutável do homem ligada ao pecado original. Este traduz uma insuficiência radical do homem que o leva a uma espécie de mentira que conta a si mesmo.

Em seus tratados sobre a mentira, Agostinho exporá a doutrina do duplo coração e, por meio dela, defendo a ideia de que o homem escolhe mentir para si mesmo, escolhe mentir sobre sua própria natureza ao não aceitar, por orgulho, a sua condição limitada e mortal e segue um caminho que o leva, gradativamente, para o não-ser, para o mal. Essa mentira tem sua gênese na vontade livre do homem.

Ludovyco José Viol Moras

Instituição: UFSJ

Orientador: José Luiz de Oliveira

E-mail: ludovycoviol@yahoo.com.br

As conexões entre o pensamento de Hannah Arendt e Norberto Bobbio acerca da Revolução Francesa

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise biopolítica acerca da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789. Para Norberto Bobbio, a edificação do documento é compreendida como um evento político considerável, pois marca a passagem do "Ancien Regime" para a era moderna. Não obstante, a Declaração realiza uma "revolução copernicana", porque passa a defender os direitos individuais do homem, em oposição a submissão do súdito à soberania do Estado. Entretanto, sob um viés biopolítico, o documento pode ser analisado enquanto um conjunto de direitos impertinentes, pois não insere o sujeito no centro da ação política. Deste modo, explicitaremos a partir da perspectiva do filósofo Giorgio Agamben, que a declaração visou somente manter a "vida nua", isto é, se restringiu somente em assegurar o aspecto biológico dos franceses.

Luís Guilherme Stender Machado

Instituição: UFC

Orientador: Eduardo Ferreira Chagas

E-mail: lg.01@hotmail.com

Ludwig Feuerbach: Pensamentos sobre uma filosofia do futuro

O presente trabalho tem por objetivo investigar a noção de antropologia em Feuerbach, tendo como base o projeto de homem que o autor traz à tona em princípios da filosofia do futuro, oferecendo uma interpretação dessa questão, expondo seus pontos de cruzamento com a religião cristã e com a natureza, podendo assim tratar dos desdobramentos da questão com os argumentos oferecidos por Feuerbach. Trata-se de relacionar o papel da religião na vida humana questionando suas consequências (positivas e negativas) para o homem e para a natureza. Trazendo à luz o problema religioso, poderemos entender o projeto de uma nova filosofia defendida por Feuerbach que terá sua prioridade na humanidade em consonância com a natureza. Destarte, poderemos realizar uma reflexão sobre a relevância desse pensamento na atualidade.

Luiz Felipe Xavier Gonçalves

Instituição: UNICAP

Orientador: João Evangelista Tude de Melo Neto

E-mail: felipexter@hotmail.com

Uma reflexão do cinema de ficção científica à luz da noção de razão instrumental

Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento*, realizaram uma pesada crítica ao cinema, entendendo-o como um produto da indústria cultural e como meio de estultificação das massas. Enfim, eles refletiram o cinema de maneira negativa. Nós, entretanto, percorreremos um caminho inverso, pois examinaremos algumas produções do cinema de ficção científica, para mostrar que é possível extrair delas uma temática muito próxima à noção de razão instrumental. Para efetuar nosso intento iremos, primeiramente, tentar esclarecer o arcabouço conceitual de Adorno e Horkheimer, definindo o que compreendemos por razão instrumental. Num segundo momento iremos realizar a análise dos filmes – *The Matrix*, *Brave New World*, *Blade Runner*, entre outros – à luz dessa noção dos nossos autores frankfurtianos.

Maicon Liam Bombazaro

Instituição: PUCPR

Orientador: Cleverson Leite Basto

E-mail: spafd@hotmail.com

Alfred Tarski e a concepção semântica da verdade

O objetivo central desta pesquisa é analisar o problema filosófico da “verdade”, no trabalho desenvolvido por Alfred Tarski, chamado de “Concepção Semântica da Verdade”, e que tenham num âmbito maior, relevância para filosofia da lógica, filosofia da ciência e também para epistemologia. Para tal propósito a discussão será desenvolvida em quatro partes. Na primeira parte será trabalhado as diversas teorias e suas classificações bem como fornecer uma direção na organização das teorias da verdade já conhecidas e classificadas,

tomando como referência o trabalho de Richard L. Kirkham. A segunda parte aborda as principais características de uma teoria da verdade-como-correspondência. Num terceiro momento discute filosoficamente a “Concepção Semântica da Verdade” elaborada por Tarski. E finalmente, na quarta parte serão discutidas as interpretações dos filósofos que defendem (Karl Popper) a teoria de Tarski como sendo uma teoria da verdade-como-correspondência, e dos filósofos que se opõem (Susan Haack) a tal interpretação.

Marcus Paulo Vianna Tondato
Instituição: UFMG
Orientador: Eduardo Soares Neves Silva
E-mail: marcustondato@hotmail.com

Momentos de um conceito: filosofia e linguagem em Benjamin e Adorno

A exposição aqui proposta consiste em considerações intermediárias de uma investigação mais ampla ainda em transcurso. Com efeito, não se trata de apontar uma tese definitiva na relação entre linguagem e filosofia no pensamento de ambos autores, mas expor momentos imanentes aos textos em que as constelações de ideias articuladas em torno da dimensão linguística da filosofia é elaborada iluminando o fio condutor que aproxima Benjamin e Adorno. Não obstante, esse trabalho também almeja apresentar não só a crítica compartilhada a filosofia sistemática, como também, as diferenças presentes na elaboração do projeto de crítica ao idealismo, demarcando a originalidade do pensamento de ambos autores. Ora, se para Benjamin e Adorno é na linguagem que se expressa filosofia, cabe a tradição interpretativa demarcar as diferenças presentes nessa afirmação. Benjamin enxerga no retorno ao Nome originário a possibilidade da filosofia alcançar a verdade mediante os conceitos que levariam o fenômeno a Ideia; Adorno por sua vez, na Dialética Negativa (1966) entende a tarefa da filosofia como ilusão necessária de superar os conceitos mediante conceitos sem se identificar eles. É na busca de qualificar essa aparente concordância primeira e essa divergência final que se debruçará essa investigação.

Mariane Farias de Oliveira
Instituição: UFRS
Orientador: Raphael Zillig
E-mail: emaryfarias@gmail.com

Podemos falar em “conjuntos” e “provas” dos endoxa na ética aristotélica?

Pretendemos, neste trabalho, apresentar a tese de Jonathan Barnes acerca do papel dos endoxa na filosofia de Aristóteles. Os endoxa são opiniões reputadas compartilhadas por determinado público (a maioria, os sábios ou mais ilustres dentre os sábios) e, segundo Barnes, ocupam um papel central no método aristotélico. Contudo, o intérprete, ao propor o que ficou conhecido como "método dos endoxa", utiliza-se das noções de "conjunto" e "prova" de uma maneira que, à primeira leitura, possa-se acusá-lo de anacronismo. No

entanto, após apresentarmos as possíveis objeções, tentaremos mostrar como essas noções, quando entendidas no contexto do método aristotélico, não são anacrônicas.

Marina Diel

Instituição: USP

Orientador: Caetano Plastino

E-mail: mary.diel@gmail.com

Considerações sobre a Doutrina das Cores de Goethe

Empenhado em contestar Newton e suas ideias sobre a cor, Goethe teria elaborado sua própria Doutrina das Cores. Entre ideias filosóficas inovadoras – por tomar as cores como atividades, necessitadas da luz e do olho -, uma das grandes contribuições de Goethe com relação às cores foi o papel fisiológico e psicológico atribuído a elas, além de o destaque à cor na pintura. A possibilidade, na Doutrina das Cores, de se tratar do colorido pictórico, elevando-o à tópico de especulação filosófica, não é mera consequência do percurso da cor que a pesquisa pretende introduzir - percurso que teria permitido que a cor se “emancipasse” dos demais elementos a que antes esteve necessariamente atrelada na pintura ocidental -. Mas, para Goethe, a cor na pintura é assunto necessário e indissociável de uma Doutrina das Cores; o olhar do pintor é como que um olhar ideal, ou ao menos deve sê-lo.

Marina Franconeti

Instituição: USP

Orientador: Ricardo Fabbrini

E-mail: ma_franconeti@hotmail.com

Manet, Delacroix e Ingres: As nuances entre as escolas artísticas francesas na figuração feminina no século XIX

A pesquisa consiste na análise da representação da imagem feminina no período que compreende o século XIX em Paris, estabelecendo uma comparação entre o neoclassicismo de Ingres, o romantismo de Delacroix e o impressionismo de Manet, a fim de expor as nuances entre as escolas artísticas e como este século, em vez de separá-los em tais definições, apresenta uma apropriação de cada um dos três pintores em questão destas manifestações artísticas. A figuração feminina surge, pois, em meio às interpretações diversas do erotismo, da nudez e da temática histórica.

Mateus Perez Jorge

Instituição: USP

Orientador: Carlos Alberto Ribeiro de Moura

E-mail: mpjorge@yahoo.com.br

Apontamentos e desdobramentos ontológicos do eterno retorno de Friedrich Nietzsche no século XXI.

O presente trabalho pretende contribuir com as discussões que envolvem a doutrina ontológica do eterno retorno desenvolvido pelo filósofo Nietzsche. Desta doutrina, poderão ser analisados alguns de seus possíveis desdobramentos a partir das novas interpretações dadas por comentadores atuais como Gianni Vattimo, Scarlett Marton dentre outros. Neste sentido, poderão ser refletidas as implicações desta doutrina na mentalidade pós-moderna, a partir de possíveis correlações entre o sentido heideggeriano dado ao eterno retorno e o original proposto por Nietzsche em várias passagens de algumas de suas obras filosóficas (Assim falou Zaratustra, Para Além do Bem e do Mal, Gaia Ciência, entre possíveis outros) onde é desenvolvida em vários ambientes filosóficos diferentes a questão do Eterno retorno. A partir deste percurso filosófico e teórico argumentativo, se buscará desenvolver um breve retrospecto histórico que ampliará nosso entendimento do momento histórico-filosófico peculiar o qual se abriu possibilidades para o desenvolvimento do conceito ontológico do eterno retorno de Nietzsche; em que o autor testemunhava profunda crise de valores, denominado para ele como niilismo em termos filosóficos. A partir de uma breve retomada do ambiente filosófico de elaboração do respectivo conceito, poderá se ter uma compreensão mais nítida e focada das bases epistemológicas e ontológicas em que se lançaram as sementes deste constructo filosófico de carácter provocativo e renovador para a filosofia clássica, acarretando em um marco, procurando ir mais além da compreensão tradicional da filosofia clássica, ampliando os horizontes de um perceber-se no mundo a partir de uma ontologia nietzscheana que intentava superar-se.

Matheus Ichimaru Bedendo

Instituição: USP

Orientador: Sérgio Cardoso

E-mail: matheusichimaru@gmail.com

Primórdios do republicanismo francês: a apreensão da tradição republicana na França revolucionária

Partindo de uma leitura que compreende a tradição republicana não como uma doutrina fechada nela mesma, com um programa fixo e limites muito claros e bem estabelecidos, mas ao contrário, que a entende como um encadeamento de matrizes, que se sucedem espaço-temporalmente ligando-se umas às outras por conta das dependências conceituais que forçosamente apresentam ao mesmo tempo em que, sob outros aspectos, afastam-se mutuamente, a ideia desse trabalho é apresentar de que maneira começa a se formar na França do final do século dezoito uma nova matriz (moderna) de pensamento republicano. Tomando Montesquieu e Rousseau (o "léxico" e a "gramática" republicanos dos revolucionários franceses) como principais bases de sustentação teórica do republicanismo francês no período revolucionário, pretendemos mostrar que aos poucos e de maneira bifronte (por meio de um lado dos jacobinos e de outro dos girondinos) a ideia

da República, enquanto regime de governo, vai se impondo e se contrapondo à noção de Monarquia, seja ela absolutista (herança direta do Antigo Regime) seja ela constitucional (modelo inspirado no caso inglês e importado do lado de lá da Mancha). Centrando nossa atenção em Condorcet (último dos iluministas e revolucionário) pretendemos mostrar por fim que a ideia da República que surge na França no momento revolucionário é indissociável da Filosofia das Luzes, ao mesmo tempo em que, por meio de sua noção de "progresso", parece já apontar na direção do positivismo comteano, a outra base de sustentação teórica sobre a qual será erguido o edifício da Terceira República francesa, momento da grande síntese ideológica do republicanismo francês.

Michelle Belatto
Instituição: UFSC
Orientador: Cláudia Drucker
E-mail: mibelatto@gmail.com

Os dois amores no "Fedro" de Platão

No Diálogo Fedro, Platão descreve dois tipos de amor: um perverso e um inspirador da filosofia. Com a finalidade de expormos as diferenças entre esses gêneros de amor, apresentaremos, neste trabalho, o que podemos entender como o núcleo inicial de discussão da obra Fedro, estruturado em torno de três discursos. O primeiro é um discurso escrito por um renomado orador chamado Lísias, trazido pelo menino Fedro: motivo que conduz Sócrates para fora da cidade. Os posteriores são proferidos por Sócrates a Fedro, num primeiro momento, como reconstrução e, em seguida, como subversão do texto de Lísias, que defende uma relação erótica baseada em proveito mútuo como superior àquela que se deixa levar pelos inconvenientes da paixão. Mostraremos, assim, como o amor deixa de ser compreendido como a origem dos males que atingem o amado e passa a conectar-se à manifestação do divino no âmbito humano.

Nilton José Sávio
Instituição: UFSCAR
Orientador: Ana Carolina Soliva Soria
E-mail: nilton-savio@hotmail.com

Fundamentos da caracterização do Gênio em Schopenhauer

O objetivo de nosso trabalho é apresentar o conceito de gênio em Schopenhauer, tendo como base o Livro III de "O mundo como vontade e como representação". O eixo de nossas análises consiste em entender os fundamentos da caracterização do gênio (§36 e segs.), segundo a forma como é orientada a adução do autor a partir de um conceito central, a saber, a identificação do gênio como puro sujeito do conhecimento. O gênio guarda em si a capacidade de ir além do mundo fenomênico, ao contrário do conhecimento científico que é restrito, sua obra é resultado da contemplação das Ideias. A superação do princípio de razão suficiente (espaço, tempo e causalidade) é a chave que permite ir ao encontro das

Ideias, o gênio sai do fluxo do mundo, das ligações de efeitos a causas que o entendimento realiza, bem como da vida interessada engendrada pela Vontade: puro sujeito que conhece.

Pablo Souto Maior Harduin
Instituição: UFF
Orientador: Fernando Muniz
E-mail: pabloharduin@gmail.com

Prazer e Ontologia na República de Platão

Esta comunicação trata do último argumento oferecido por Sócrates em defesa da justiça, no livro XI da República. O argumento, baseado na existência de prazeres reais em contraposição a prazeres irrealis, parece remeter à ontologia apresentada nos livros VI-VII. Segundo ele, a vida filosófica e justa é mais prazerosa do que a injusta porque goza de prazeres reais, enquanto a vida injusta experimenta apenas um fantasma do prazer verdadeiro. Se correta, essa interpretação permite uma apreciação ontológica do prazer que justificaria a existência de uma ontologia dos prazeres em Platão. No caso contrário, o argumento hedônico, ainda que tomado por Sócrates como o mais importante e decisivo para o plano geral da República, ficaria deslocado. O objetivo desta comunicação, portanto, é a controvérsia entre os intérpretes sobre as duas referidas possibilidades de leitura da passagem e suas consequências para o entendimento do diálogo como um todo.

Paula Cristina Padilha Gondim
Instituição: UNICAP
Orientador: Joao Evangelhista Tude De Melo Neto
E-mail: gondimp@gmail.com

A crítica de dialética do esclarecimento ao projeto iluminista

O ponto de partida do iluminismo é a extrema confiança na razão esclarecida, seu desenvolvimento progressivo levaria a civilização ao progresso e à libertação do homem de dogmas e mitos, o homem emancipado; assim a humanidade chegaria à maturidade. Contudo, segundo Adorno e Horkheimer, o projeto iluminista fracassou, já que há na contemporaneidade degradação e tutela da humanidade. Para estes filósofos o fracasso deve-se a um elemento obscurantista, a razão instrumental, que é germe do próprio iluminismo. Muito se falou da crítica que Adorno e Horkheimer desferiram ao projeto iluminista em Dialética do esclarecimento. Mas entendemos que pouco se fez numa contrapartida teórica a essa crítica. Logo, enxergamos ser necessário realizar um estudo minucioso das principais noções iluministas e, a partir disso, efetuarmos o exame teórico acerca da validade da crítica dos frankfurtianos.

Paulo Roberto Lima de Souza
Instituição: UECE
Orientador: Ruy de Carvalho

E-mail: paulinexcel@hotmail.com

Versos da literatura no reverso da filosofia: um contraponto entre Tolstói &
Nietzsche

O que Filosofia e Literatura convocam como significação? No cenário histórico ocidental, ambas atividades de criação convocam a uma enunciação da expressividade do pensar e do agir humano em fulcro. A pretensão deste texto é expor as visões de mundo a partir das distintas escritas que se desvelam constitutivas do pensamento entre o escritor russo Liev Tolstói e filósofo alemão Friedrich Nietzsche, a partir da obra “L’Idée Du Bien Chez Tolstoi et Nietzsche” do filósofo existencialista russo Léon Chestov publicado em 1949, em Paris. Em sua conhecida obra literária “A Morte de Ivan Ilitch” Tólstói evidencia uma ética que louva o altruísmo mas que resvala para o maniqueísmo, como ele bem exprime, “fora do Bem não existe salvação”, porém como frisa Chestov, esse é um típico exemplo paradigmático do que Nietzsche chamará de “moralidade altruísta” ou de “auto-renúncia” por sua vez, são com frequência repletos de uma outra indignação, nos antípodas da fúria tolstoísta – aquilo que indigna a Nietzsche é a arrogância dos que se arrogam o direito de fulminar os descrentes, dentre os quais se encontram com frequências os mais livres dos espíritos livres! Com este resumo pretende-se apenas trazer um contraponto de suas visões, tendo como pontos semelhantes seus modos de expressão poético-filosófico. Em suma, mesmo diante das diferenças que dicotomizam estes autores, é necessário o reconhecimento no uso literário da linguagem – que exhibe, mostra ou encena – a capacidade de deixar maior liberdade a quem lê de se posicionar pessoalmente perante o que está em causa, como também o pendor da Filosofia para a univocidade e para a determinação, assim como bem expõe Léon Chestov.

Paulo Sérgio de Queiroz

Instituição: UNESP

Orientador: Rita de Cássia Souza Paiva/ Tales Ab'Saber

E-mail: p-queiroz@hotmail.com

O primário no evoluído: sobre o rastro da violência na vida civilizada

"A vida é toda um processo de demolição. Existem golpes que vêm de dentro, que só se sentem quando é demasiado tarde para fazer seja o que for, e é quando nos apercebemos definitivamente de que em certa medida nunca mais seremos os mesmos."

Scott Fitzgerald (A Fenda Aberta – 2005)

Partindo de uma leitura circunscrita a quatro textos freudianos, Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908), Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915), O mal estar na civilização (1929) e Por que a guerra? (1932), o presente projeto buscará problematizar as diferenças de abordagem desenvolvidas por Freud, nos respectivos textos, concernentes à relação entre violência e moralidade no interior da ordem civilizacional. Mais precisamente, trata-se de :

1) inspecionar a razão pela qual, sob a perspectiva freudiana, os critérios de moralidade, uma vez internalizados pelos indivíduos na cultura ou nas sociedades reconhecidas como civilizadas, logram apenas uma precária contenção da violência e findam por produzir novas vias de sofrimento e agressividade, acirrando o conflito entre as tendências pulsionais e as exigências da cultura. Evidência que põe em cheque a clássica oposição entre o primitivo e o civilizado.

2) interrogar de que modo esse impasse se manifesta nos textos citados. Certamente esta reflexão não desprezará os parâmetros instaurados pela primeira e pela segunda tópica de seu pensamento

Sob esse recorte, procuraremos perscrutar os pontos de contato entre o que o autor toma por vida primária e por vida civilizada, bem como o sentido contrastante que a violência adquire nesta última.

A incompatibilidade entre as inclinações primárias e a cultura sempre ocupou foro privilegiado na teoria psicanalítica. Desse antagonismo de intenções irrompem mazelas no indivíduo e na sociedade, feridas que põem em xeque as noções de autonomia humana e de progresso cultural, a exemplo da doença neurótica e da eclosão de guerras de alcance global. Situação que, como ressalta Freud, estremece o “firme” solo moral no qual se assentam os sentidos valorativos da modernidade. Sucintamente, é este o propósito do estudo a seguir apresentado, o qual, quando necessário, lançará mão de conceitos centrais da teoria freudiana, a saber: Construção do eu, pulsões de vida e de destruição, sentimento de culpa, sexualidade, agressividade e cultura.

Pedro Durão Duprat Pereira

Instituição: UERJ

Orientador: Maria Helena Lisboa

E-mail: pedroodurao@zipmail.com.br

Nietzsche e a moral nobre dos aristocratas: Uma visão genealógica para além do bem e do mal

Este estudo tem o objetivo tecer considerações acerca do perspectivismo nietzschiano em relação a moral. Nietzsche irá salientar que os valores morais são criados e fundamentados a partir de um determinado ponto de vista histórico, é necessário um estudo da gênese, do surgimento sobre os quais os valores foram criados. Neste sentido, pode-se distinguir entre duas atribuições possíveis, a dos senhores e a dos escravos; a dos fortes e a dos fracos. A análise busca explicar em que medida as ações da aristocracia guerreira (Aquiles, Agamenon, Odisseu) puderam ser consideradas nobres, por quais imagens estes heróis foram responsáveis por inaugurar uma moral em que o homem forte atribui a si mesmo o valor de bom, opondo-se a tudo que fosse mais baixo e plebeu; a aristocracia não temia a luta e olhava com bons olhos para a tragédia.

Pedro Henrique Ciucci da Silva

Instituição: PUCSP

Orientador: Djalma Medeiros

E-mail: pedrociucci@yahoo.com.br

As Causas das proporcionalidades dos Movimentos

O presente texto pretende mostrar as proporcionalidades dos movimentos que Kepler sistematiza nos livros IV e V do Epitome, de 1621, destacando a segunda parte do livro IV onde Kepler ensina a importância do efeito do Sol sobre os movimentos dos planetas, ou seja, os tempos, dos periódicos e os efeitos das revoluções. A causa das proporcionalidades dos movimentos tem como efeito o Sol. Na sua primeira lei, a das órbitas elípticas, o Sol ocupa um dos focos, fazendo assim movimentos diferentes dependendo da distância que estão mais próximos assim chamados periélios, sendo a sua revolução mais rápida, devido a sua aproximação com o Sol, o segundo efeito chama-se afélio é onde os planetas estão afastados dele, tendo a sua revolução mais lenta. Na segunda lei sobre as áreas, o Sol varre todas em tempo igual, mas mostra que os planetas têm uma variante, como foi demonstrado na primeira lei. A terceira lei indica que existe uma relação entre a distância do planeta e o período de translação, tempo que ele demora para completar uma revolução em torno do Sol. Portanto, quanto mais distante estiver do Sol mais tempo levará para completar sua volta em torno desta estrela.

Pedro Henrique Pereira da Silva

Instituição: UFSJ

Orientador: José Luiz de Oliveira

E-mail: phpedro1915@hotmail.com

Agostinho e a Vontade na interpretação de Hannah Arendt

Considerado por Hannah Arendt como o primeiro filósofo cristão e o primeiro que recorreu ao místico na compreensão de questões filosóficas, Agostinho elaborou um conceito de Vontade, que será analisado neste trabalho. Com base em suas reflexões, Arendt aponta que o interesse inicial pela Vontade se dá pela investigação sobre a causa do mal, e que partindo da Epístola de Paulo aos Romanos, Agostinho chega ao fenômeno da faculdade de sua escolha. Esta jaz em função do velle e nolle, o querer e o deixar de querer. Ao refletir sobre seus conflitos, descobriu ser errônea a interpretação de Paulo sobre uma luta entre carne e espírito. O problema não está na dupla natureza do homem, mas no próprio exercício da Vontade. Com efeito, esta provém do conflito das que com ela coexistem, mas que não deixam de ser uma só, que se transforma na sua plenitude em Amor.

Pedro Nagem de Souza

Instituição: USP

Orientador: Caetano Plastino

E-mail: pedronagem@hotmail.com

Nitidez e superfície: o problema da expressão em Nietzsche

Ao sublinhar no modo aristocrático de pensar um “*pathos* da distância” e uma vontade de permanecer incompreendido, Nietzsche nos indica o caminho para um problema presente em sua obra que será caracterizado por Patrick Wotling como uma “questão da inteligibilidade”. Diante da distorção do pensamento necessária a toda linguagem, como atingir uma expressão precisa ou pelo menos próxima de qualquer pensamento que seja? E, mais importante, *por que sequer expressar* e não permanecer em silêncio? Apoiando-se principalmente nos trabalhos de Wotling e Müller-Lauter, tentarei apresentar as tensões envolvidas em uma *teoria da expressão nietzschiana*.

Rachael Louise

Instituição: USP

Orientador: Ricardo Terra

E-mail: e.rachellouise@gmail.com

Democracia Deliberativa: reconstruindo o debate

Esta apresentação tem no limiar de investigação a preocupação com a legitimidade das decisões políticas. Para refletir sobre este tema, buscou-se apoio no debate contemporâneo sobre democracia deliberativa. Isto por ser esta uma concepção segundo a qual a legitimidade das leis e normas jurídicas é tributária do procedimento pela qual foram adotados. A discussão partirá de Habermas e de seu artigo “Três modelos normativos de democracia” e por aqueles que com esta posição dialogam, como Bernard Manin, Seyla Benhabib, John Rawls e John Elster. Pretende-se, ainda, num segundo momento, fomentar a discussão em torno da Política Nacional de Participação Social, instituída em 2014 por meio do decreto de nº 8243. Em relação a este, espera-se pontuar seus contributos à democracia brasileira e possíveis pontos de fragilidade.

Rafael Zambonelli Nogueira

Instituição: USP

Orientador: Marcus Sacrini Ayres Ferraz

E-mail: rafael.zambonelli@gmail.com

Consciência e mistificação: os dilemas da ação política em Merleau-Ponty

Na filosofia de Merleau-Ponty, pode-se encontrar uma tensão que é constitutiva da ação em geral e, particularmente, da ação política. Por um lado, a tese da mistificação essencial da consciência, segundo a qual nós só temos uma imagem parcial e contingente do mundo, e o fetichismo inerente a todo objeto histórico, enfatizando a irredutível opacidade da história e o peso que ela tem sobre nossas ações, parece levá-la ao limite do niilismo. Por outro lado, Merleau-Ponty encontra uma maneira de superar o imobilismo ao qual parece conduzir essa vertigem da existência, sem, no entanto, suprimi-la: a ideia de ação simbólica é o que nos permite agir em meio ao campo difuso e contingente da

existência social-histórica, de modo que certas estruturas possam desenhar-se em sua duração por meio de um trabalho infinito e sem garantias que é ao mesmo tempo interpretação e criação.

Rebeca Míriam Siqueira Coelho

Instituição: UFPA

Orientador: Verônica de Araújo Capelo

E-mail: becamsco@gmail.com

O narcisismo e barbárie na contemporaneidade

O presente artigo propõe uma discussão sobre narcisismo como uma característica marcante da sociedade capitalista. Para tanto, iniciaremos com uma breve exposição acerca do mito de Narciso e, do estatuto do conceito freudiano de narcisismo, visando fundamentar a compreensão da relação pressuposta entre narcisismo, barbárie e banalização da violência, que tem como consequência a erosão do espaço público (SENNETT, 1988 p.23). A tarefa da educação contemporânea consiste em “desbarbarizar” a educação pela promoção da reflexão e revalorização política (ADORNO, 2006 p.155). Além disso, o consumismo compulsivo da sociedade capitalista, baseando-se num ethos hedonista, favorecendo a “fruição narcísica” em detrimento de ideais políticos coletivos visto em Severiano (2010, apud NASCIMENTO, 2011 p.68), enfatizando a legitimidade do eu e a ênfase na autossatisfação, como ressalta Lasch (1988 p.20).

Rodrigo Juventino Bastos de Moraes

Instituição: USP

Orientador: Eduardo Brandão

O grande russo também era um niilista: Dostoiévski à luz de Nietzsche.

Por mais que entre os comentadores se costume relacionar Dostoiévski e Nietzsche principalmente em vista do quanto o primeiro, por meio de sua literatura, teria fornecido ao último de material patético para a análise das pulsões convulsivas da negação, e de autoaniquilamento, úteis para a formulação de sua “psicologia” – é preciso ter em consideração que Nietzsche, não apenas teria sido um profundo entendedor das implicações do niilismo em Dostoiévski, como também, com base nisso, não teria negligenciado o substrato cristão de base à perspectiva de redenção que traz em seus livros – como teria afirmado Miller. O presente trabalho pretende, à luz d’*Os Irmãos Karamázov*, perscrutar o modo como a temática do niilismo se desdobra no romance, partindo do tão debatido ateísmo de Ivan Karamázov e da imersão do cristianismo renovado de Aliócha decorrente da confutação desse mesmo ateísmo — e, com isso, avaliar o quanto que desse desenlace poderia resultar nas implicações que não teriam escapado a Nietzsche, quando este inclui Dostoiévski na fileira dos decadentes de seu século. Embora não se saiba ao certo se Nietzsche realmente teria lido essa obra, sua escolha se justifica, não apenas por tratar-se de um livro em que o problema do niilismo é tratado com maior rigor e implicações

filosóficas, mas por trazer à luz os movimentos que levam Dostoiévski a concluir por seu cristianismo renovado. Escolha que tanto mais se justifica também pelo exercício analítico do presente autor que, por meio dessa hipótese, desse subterfúgio da antiguidade do próprio pensamento, busca lançar luz sobre a intrincada relação entre Nietzsche e Dostoiévski, não pela via habitual do material psicológico, mas *apesar* dele e em diálogo com ele — pelo modo como Dostoiévski devia ser lido à luz do niilismo tal qual Nietzsche o teria pensando.

Sabrina Paradizzo Senna
Instituição: UFES
Orientador: José Pedro Luchi
E-mail: sp_senna@hotmail.com

A Arte em Relação à Religião e a Filosofia nos Cursos de Estética de Hegel

Abordando como obra principal os "Cursos de Estética" de Georg W. F. Hegel (1770-1831), tentaremos compreender a ligação existente entre Arte, Religião e Filosofia. A Filosofia tem mesmo conteúdo da Arte e da Religião, mas se diferem no que se trata da forma; Filosofia e Religião se ocupam de Deus - absoluto, porém a Religião chega as suas conclusões por meio da fé, enquanto a Filosofia faz esse caminho através do pensamento racional. A Religião viria antes da Filosofia, pois o indivíduo incorpora uma fé religiosa antes de integrar-se a reflexão filosófica. A Arte das três seria a forma menos adequada para expressar o absoluto, pois ela é intuição e por isso seria inferior a fé e a razão. Assim, a Filosofia pensa a Religião e a Arte, mas estas não podem pensar Filosofia. Arte, religião e filosofia são assim três maneiras progressivas de ascender ao absoluto.

Simone Bernadete Fernandes
Instituição: USP
Orientador: Luiz Sérgio Repa
E-mail: simonefernandes@uol.com.br

Considerações acerca dos temas “moral” e “compaixão” no pensamento de Horkheimer, nos anos 1920 e 1930

Este trabalho tem por objetivo apresentar o papel desempenhado pelos temas “moral” e “compaixão” na filosofia de Horkheimer de meados dos anos 1920 e início da década de 1930. A investigação vale-se especialmente do texto “Materialismo e moral” (1933), acompanhada de considerações presentes nos aforismos escritos entre 1926 e 1931 e publicados sob o título de Dämmerung. Implícita em tal análise está a recepção das filosofias de Schopenhauer e Nietzsche por Horkheimer, pois estes filósofos, ambos importantes no desenvolvimento do pensamento deste autor, apresentam abordagens antagônicas a respeito destes temas. O interesse por esta investigação justifica-se pela percepção de que estas duas filosofias, e os temas por elas abordados, seguirão sendo importantes no pensamento do Horkheimer em etapas posteriores.

Tâmmilys Rafaely Soares
Instituição: UFPA
Orientador: Ernani Chaves
E-mail: tammilysilva@hotmail.com

O poder pastoral em Michel Foucault e sua relação com o poder contemporâneo

Nosso objetivo é procurar compreender o conceito de poder pastoral segundo Michel Foucault como uma forma de poder exercida pelo menos desde o sec.XVI e relacionar suas características peculiares, transplantada das instituições eclesiais, com o Estado contemporâneo. Traça-se de pensá-lo como uma sofisticação do poder adotada pelo Estado segue o modelo do cristianismo: não se comporta como um poder soberano e opressor, pelo contrário, é um guia, pronto a sacrificar-se por seu rebanho; é globalizante, mais analítico, quer conhecer cada indivíduo em particular, sua vida e desejos; mas quer também estar de posse de suas mentes, preferível a seus corpos. Assim, o Estado tem sob seu controle, tanto o conhecimento da população como o do indivíduo, e para tanto se faz imprescindível um múltiplo de instituições que vão desde as mais amplas às mais discretas, como a família.

Tatiana Souza Correia
Instituição: UFBA
Orientador: Juliana Ortigosa Aggio
E-mail: tatizcorreia@hotmail.com

Ética Nicomaquéia: a definição do prazer no primeiro tratado

O estudo do prazer e da dor é de fundamental importância na Ética Nicomaquéia, pois Aristóteles observa que as ações morais se relacionam diretamente com prazer e dor. Em busca do prazer, comumente praticamos ações torpes e por causa da dor deixamos de praticar ações belas. O objetivo deste texto é analisar o conceito de prazer no I Tratado do prazer, diante das concepções anti-hedonistas, que julgam o prazer como um mal em absoluto, Aristóteles se propõe a definir a natureza do prazer de tal maneira que refute tal ideia. A partir da sua tese do hedonismo moderado, Aristóteles demonstra que o prazer não pode ser em si mesmo bom ou ruim, mas que este, pode ser um bem desde que cumpra certos critérios. A principal tese anti-hedonista que Aristóteles refuta é a tese atribuída a Platão no diálogo Filebo, que define o prazer como um processo. Em contrapartida, Aristóteles define o prazer como uma atividade. Este embate conceitual entre as concepções anti-hedonistas e a concepção aristotélica hedonista moderada, permeia toda construção do conceito de prazer defendido por Aristóteles. O que pode ser visto, é que a definição do prazer no I Tratado do prazer em Ética Nicomaquéia VII 11-14 é mais que necessária na defesa da tese hedonista moderada do estagirita, pois definir o prazer neste momento torna-se o elemento refutativo mais forte na defesa de sua tese. Portanto, a definição do prazer como uma atividade desimpedida desvincula a carga negativa que é

atribuída ao prazer pelos anti-hedonistas que o julgam como um mal em absoluto. Assim, o texto se propõe a demonstrar que o prazer pode ser um bem.

Victorine Linguicano

Instituição: UFAP

Orientador: Gilson Iannini

E-mail: victorinelinguicano@gmail.com

A face de Janus da metapsicologia freudiana: apontamentos sobre a relação entre mito e psicanálise

Podemos dizer que o conhecimento psicanalítico desenvolvido por Sigmund Freud entrelaça em sua base duas distintas formas de conhecimento, quer dizer, a ciência da sua época, ainda relacionada ao fisicalismo alemão, bem como elementos estéticos que procuram dar vazão àquilo que não se encontra disponível junto ao território dito científico. Ou seja, no procedimento de elaboração daquilo que Freud veio chamar de metapsicologia ele percebeu que a base cientificista que possuía, juntamente com o seu arcabouço positivista, não era suficiente para a compreensão de certos distúrbios psíquicos. No intuito de ir mais adiante em suas teorias o pensador buscou no vasto campo da arte o conhecimento que muitas vezes lhe faltava. Aqui, é possível apontar para a esfera mitológica como uma das ferramentas capazes de operar no processo de alargamento das teorias de Freud.

Valmira de Oliveira Santos

Instituição: UFSJ

Orientador: José Luiz de Oliveira

E-mail: oliveiraval81@gmail.com

Uma análise acerca do espaço público e privado no pensamento de Hannah Arendt

O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação acerca da esfera pública e privada no pensamento de Hannah Arendt. Para a autora, o espaço público é o lugar por excelência da ação política. É nesse espaço comum de entrelaçamento entre homens que a política se realiza por meio de palavras e ações. Nesse sentido, política é pluralidade, isto é, não há ação realizada individualmente. A ação, na perspectiva arendtiana, requer a presença de outros seres humanos. Arendt, ao analisar o espaço público, percebe que a ascensão do totalitarismo provocou o isolamento dos homens e fez surgir uma nova forma de vida, caracterizada pela individualidade, cuja preocupação não encontra relação com a esfera pública, mas com a preservação da vida e suas necessidades.

Victor Hugo Fonseca da Silva Coelho

Instituição: USP

Orientador: Roberto Bolzani Filho

E-mail: coelho.vhugo@gmail.com

A herança e o parricídio: anotações sobre o Sofista de Platão

É da palavra "parricídio" (πατραλοία) que Platão, na boca do estrangeiro de Eléia (241d3), se utiliza para representar o que pensa estar fazendo com Parmênides ao longo de seu diálogo intitulado "Sofista". O saldo da "teoria da participação" (que será utilizada como instrumento para a realização do parricídio) se desdobrará pela filosofia assim como a desgraça do parricida Édipo sobre seus descendentes. Suas consequências, boas ou más, podem ser sentidas pela história da filosofia desde Aristóteles até os nossos dias. Pretendemos, a partir disso, identificar o que foi aceito e o que foi negado da filosofia anterior e entender que tipo de ontologia se faz necessária para que seja garantida a dupla valoração ("V" ou "F") de uma proposição.

Vitor de Lima

Instituição: UNESP

Orientador: Helen Barbosa Raiz Engler

E-mail: vd.lima@hotmail.com

Avaliação da Ética na Primeira Década do Século XXI na Perspectiva de Adolfo Sanchez Vazquez

Na primeira década do século XXI se obtém varias definições sobre o que é ética e qual a melhor forma de exercê-la, sendo muitas delas abstratas e descontextualizadas. Perante a isto, este projeto busca desenvolver uma compreensão sobre a ética de forma sócio-histórica, utilizando a fundamentação teórico-metodológica de Adolfo Sanchez Vazquez, para entender como se dá estas relações éticas em meio à lógica ideológica imposta pelo sistema econômico capitalista. Sendo assim, busca obter uma análise da ética de forma concreta na relação dialética entre a teoria e a prática, pois parte-se da hipótese em que esta sociedade administrada contemporânea em seu processo social inverte os valores em prol do capital, gerando no caráter moral falsas compreensões sobre as relações éticas.

Yasmin de Oliveira Alves Teixeira

Instituição: USP

Orientador: Antônio dos Santos Andrade

E-mail: yasminteixeira@yahoo.com.br

Um padre orgástico: a crítica de Deleuze e Guattari à noção reichiana de prazer

Partindo da ontologia da diferença, Gilles Deleuze e Félix Guattari conceituam o desejo como produção contígua ao campo socioeconômico e criticam a noção psicanalítica da negatividade do desejo. Embora Deleuze e Guattari apontem nela ainda uma relação do desejo à falta, a teoria do dissidente da psicanálise Wilhelm Reich é convergente com esta proposta no que tange à compreensão política da sexualidade. Assim, este trabalho

objetivou investigar a crítica dos autores à teoria reichiana da potência orgástica. Reich concebe o prazer como descarga energética necessária à saúde psíquica, reportando o desejo à regra extrínseca da falta de prazer e aproximando-se, em última instância, de um dualismo entre o campo sexual e o político. Concluimos que a teoria reichiana contribui para uma teoria da imanência sócio-política do desejo, mas a concepção do prazer-descarga limita tais contribuições.



USP

APOIO:

